





HE  
5  
22

15743

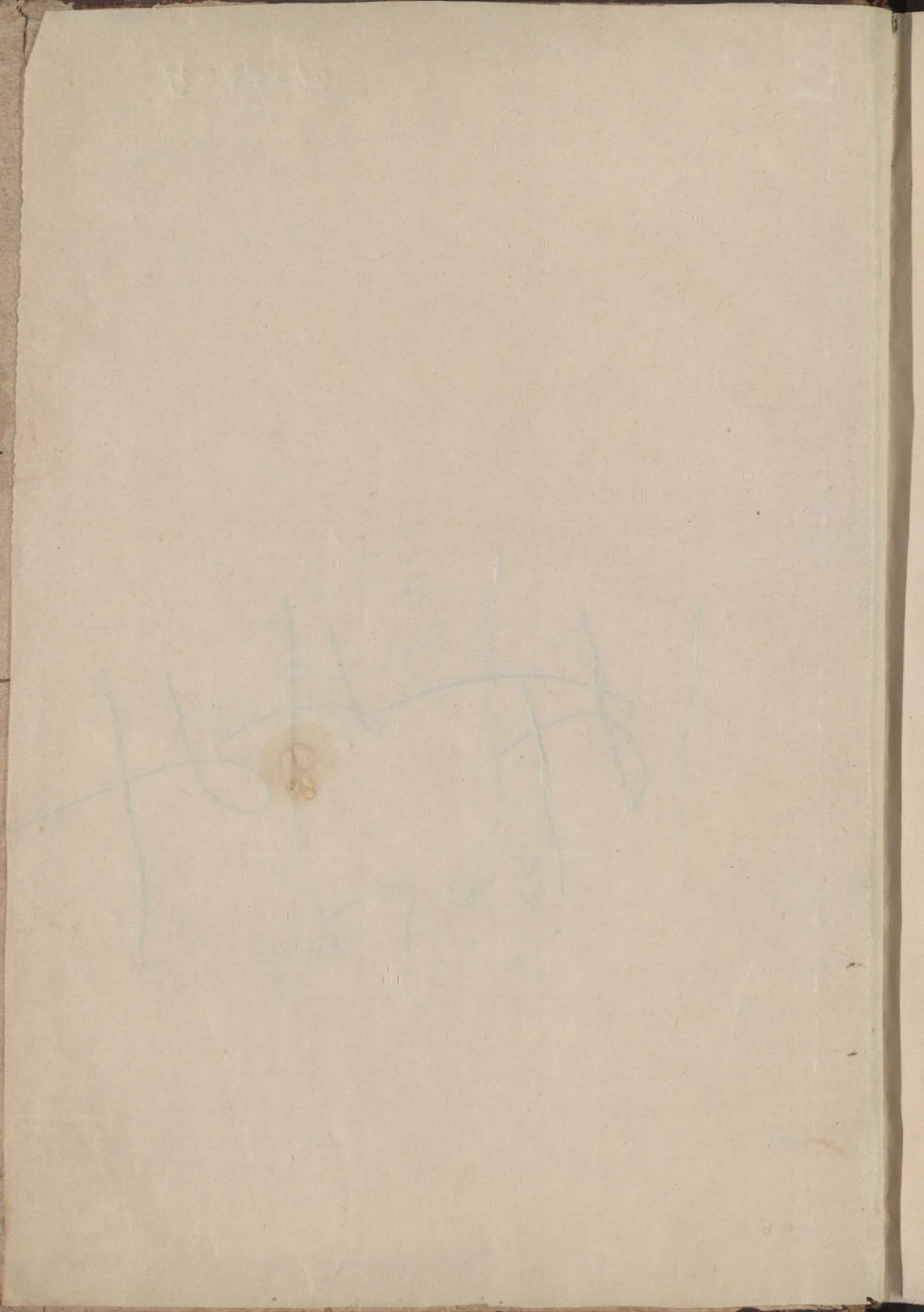
Sala	76
Gab.	
Est.	5
Tab.	1
N.º	



76-14-5

Handwritten signature or scribble in blue ink, possibly reading "H. H. H." or similar, with a small brown stain below the middle part.







# ESCOLA MURAL POLITICA, CHRISTAA, E JURIDICA.

DIVIDIDA EM QUATRO

## PALLESTRAS,

NAS QUAES

SE ENSEJAM AS QUATRO VIRTUDES CARDEALES NA PRIMEIRA  
Pallestra da Cadeira do Serendimento. Na segunda, a *Justiça* na Cadeira da  
Virtude. Na terceira, a *Fortaleza* na Cadeira do Irascivel. Na quarta, a *Tem-  
perança* na Cadeira do Incontivel, dando  
della a origem e virtude  
prouca e prudente, e a  
grosa e impudica, e a  
causa, *Providencia*, *Justiça*, *Fortaleza*, *Irascivel*, e *Concupisivel*, as re-  
prouca, *Providencia*, *Justiça*, *Fortaleza*, *Irascivel*, e *Concupisivel*, as re-  
prouca, *Providencia*, *Justiça* na segunda, com hum *Ministro* *Justiceiro*,  
prouca, *Providencia*, *Justiça*, *Fortaleza*, *Irascivel*, e *Concupisivel*, as re-  
prouca, *Providencia*, *Justiça*, *Fortaleza*, *Irascivel*, e *Concupisivel*, as re-

MATERIAL NECESSARIO PARA TODO O  
Estado, e profissões Ecclesiasticas, e Seculares.

COMPOSTA PELO DOCTOR

## MIGUEL GUERRIRO CAMACHO DE ABREU

Facultad do Santo Officio, e Deputado do Porto.



### LEITURA

de BERNARDO ANTONIO DE OLIVEIRA  
E a sua casa annexa.

1800  
Livraria de Bernar do Oliveira, e Provedor e Rea.



H-E  
5  
22



ESCOLA  
MORAL, POLITICA,  
CHRISTÃA, E JURIDICA.

TERCEIRA EDIÇÃO NOVA, E CURIOSAMENTE CORRECTA,  
DIVIDIDA EM QUATRO

PALESTRAS,  
NAS QUAES

LEM DE PRIMA AS QUATRO VIRTUDES CARDEAES. NA PRIMEIRA, A  
*Prudencia* na Cadeira do Entendimento. Na segunda, a *Justiça* na Cadeira da  
Vontade. Na terceira, a *Fortaleza* na Cadeira do Irascivel. Na quarta, a *Tem-  
perança* na Cadeira do Concupiscivel; dando Leys a todas as Virtudes, que  
dellas procedem, e confutando todos os vicios, que se lhe oppoem, e diri-  
gindo todos os actos das quatro faculdades d'alma, capazes de virtudes,  
e vicios, Entendimento, Vontade, Irascivel, e Concupiscivel, às re-  
gras da razão; sahindo a Prudencia na primeira Palestra, com hum Mi-  
nistro prudente; a Justiça na segunda, com hum Ministro justiceiro;  
a Fortaleza na terceira, com hum Ministro forte; a Temperança na  
quarta, com hum Ministro temperado.

MATERIA UTIL, E NECESSARIA PARA TODO O  
*Estado, e profissoens Ecclesiasticas, e Seculares.*

COMPOSTA PELO DOUTOR

DIOGO GUERREIRO  
CAMACHO DE ABOYM.

Familiar do Santo Officio, e Desembargador do Porto.



LISBOA:

Na Officina de BERNARDO ANTONIO DE OLIVEIRA.  
E à sua custa impresso.

Anno Domini M. DCC. LIX.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.



dm



ESCOLA  
MORAL POLITICA  
CHRISTIANA JURIDICA

TERCERA PARTE DE LA ESCUELA DE LA VIRTUD

DIVIDIDA EN CUATRO

PARTES

N. 1. 2. 3. 4.

PRIMERA PARTE DE LA ESCUELA DE LA VIRTUD  
SEGUNDA PARTE DE LA ESCUELA DE LA VIRTUD  
TERCERA PARTE DE LA ESCUELA DE LA VIRTUD  
CUARTA PARTE DE LA ESCUELA DE LA VIRTUD

MATERIALES Y NECESARIOS PARA EL ESTUDIO

Estado, e proficiones, facultades, e deberes

COMPOSTA POR EL DOCTOR

DIOGO GUERRERO

CAMACHO DE ABOGADO

Familiar de Su Magestad, Oidor, e Defensor de Indios



LISBOA

Na Officina de BERNARDO ANTONIO DE OLIVEIRA

E a sua custa impressa

Anno Domini MDCCLXXII

Com todas as licenças necessarias, e Privilegios Reaes



# A O L E I T O R

## B E N E V O L O .

**P**ropriedade he da natureza humana o não agradar, nem descontentar a todos; maxima, que se vio acreditada no mesmo Author da natureza, que feito homem, foraõ menos os que o receberaõ, e mais os que o não conheceraõ. Propriedade he tambem da propria natureza o errar mais, do que o acertar; maxima, que só vimos limitada em Deos feito homem, que por ser a mesma Sabedoria infinita, não podia errar em nada; e assim não pertendo, amigo Leitor, agradar a todos: *Nihil ubique placet. Ex Quintiliano*, porque não intento mudar a natureza, nem tambem presumo acertar em tudo, porque aspirara a ser mais que homem; mas só procuro, que não perca a minha penna, por seus descui los, tanto credito com os Leitores sabios, quanto deve grangear o zelo da minha intenção com os piedosos; e assim quando não te agrada pelo estylo, espero, que ao menos me perdoes por bem intencionado:

*Accipe parva mei, Lector, munuscula sensus,  
Non quæ sunt, sed qua suscipe mente data.*

Nenhum engenho causou agrado sem algum defeito, que tivesse necessidade de perdaõ; aos fugeitos de melhor nome achou que dissimular o seu seculo: muitos podera nomear; que não receberaõ nota de seus erros, e alguns, que conseguiraõ honra; pois o que era digno de censura, negociou applauso, como escreveo Seneca na Carta 115.: *Nullum sine venia placuit ingenium: da mihi quemcumque vis magni nominis virum, dicam quod illi ætas sua ignoverit, quod in illo dissimulavit; multos dabo, quibus vitia non nocuerunt, quosdam, quibus profuerunt.* E se nos mais sabios achou que perdoar a generosidade dos Leitores piedosos, e que soffrer a idade dos que os alcançaraõ, muito sey amigo Leitor, que tens que me perdoar, e muito que me soffrer; mas perdoando, e soffrendo, alcançará tu a virtude da clemencia, e da paciencia, e eu, quando não possa ficar emendado, ficarey agradecido, e obrigado até dar brevemente ao prelo sete tomos, parte do trabalho de dez annos de estudo, que appliquey a trazer à luz a obrigação dos Juizes dos Orfaõs, bem conhecida de todos, e atégora não tratada de nenhum, e por isso de nenhum cabalmente sabida, e sobre outras materias, de que já tens quatro tomos impressos.

Bem sey, que o estylo, he tosco, a frase grosseira, porque se me deu a Divina Providencia o dom de conceber bem, negoume o de explicar-me com acerto, e elegancia, o que não he novo, pois já Cicero no liv. 1. das suas *Tusculanas quest.* 46. conheceo em alguns igualmente aquelle bem, e este mal: *Fieri autem potest, ut recte quis sentiat, & id, quod sentit, politè eloqui non possit*; mas nem por me achar sem flores, e sem folhas, me pareceo privarte do fruto do meu trabalho. Huns, diz Santo Agostinho, que fallaõ precisamente flores, outros  
folhas,



folhas, outros frutos: *Alii meros flores loquuntur, alii folia, alii fructus*; e sup-  
posto que nenhuma destas tres cousas de per si constituaõ perfeita huma Obra,  
como nem huma arvore, mas todas devem concorrer, as flores como formo-  
sa esperança, as folhas como natural defença, os frutos como riqueza; com  
tudo assim como he melhor, que saltem flores, e folhas nas arvorea, que fru-  
tos, assim será menos mal, que se ache menos nas obras as flores da Rhetori-  
ca, as folhas da eloquencia, que os frutos das virtudes; pois as flores, e fo-  
lhas se ordenaõ ao bom logro dos fructos; nem merece de flores, nem de folhas  
os adornos, quem naõ serve à utilidade; esta creyo eu acharaõ nesta obra to-  
dos os estados de pessoas, que amarem as virtudes:

*Clericus es, legito hæc; laicus es, legito ista libenter;*

*Crede mihi, invenies hic quod uterque voles.*

Quanto mais, que procurey, quanto me foy possível, tratar em cada materia  
de cada huma destas seffoens as sentenças dos Sabios, que a geral aceitaçaõ  
tem graduado por Mestres, os versos dos Poetas, que por melhores recebeo o  
commum applauso nas azas da fama, os exemplos dos Historiadores, a quem o  
universal consentimento jubiloou por Mestres da arte, em que acharás naõ me-  
nos o util, que o deleitoso, para que se te naõ obrigar a lellos a utilidade, te  
mova o deleitoso:

*Dulcia, Lector, amas; sunt hæc dulcissima quoque;*

*Utile si quæris, nil legis utilius.*

Por conclusaõ, Leitor benevolo, te venho a pedir naõ louvores, porque era  
pedir muito em tempo de tanta carestia de louvores, que tem por grande par-  
tido, o que sem ser louvado, naõ passa a reprehendido; mas só o que te peço,  
he perdaõ para o que me achares digno de censura, e silencio para o que me  
achares merezedor de louvor; e affaz me darey por louvado, se te naõ for en-  
fadonho; e por ultimo te digo com Ovidio:

*Ut veniam pro laude peto, laudatus abundè,*

*Non fastiditus si tibi lector ero.*

#### NOTICIA DA OBRA QUE O AUTHOR COMPOZ.

IN PRIMO TOMO Tractatus de Inventariis.

IN SECUNDO de Divisionibus, em 2 volumes.

IN TERTIO de Datione, & obligatione Tutorum, & Curatorum, em 2 vol.

IN QUARTO de Omni genere Rationum, de omnibus personis, quæ ratio-  
nem reddere debent, em 2 vol.

IN QUINTO denique de Omni processu Civili, & Criminali.

IN SEXTO Tractatus de Recusationibus.

IN SEPTIMO Opusculum de Privilegiis Familiarium Sancti Officii.

IN OCTAVO Escola Moral, Politica, Christãa, e Juridica.

IN NONO Decisiones, & Quæstiones Forenses.

IN DECIMO Index Generalis omnium materiarum in totis operis volumini-  
bus contentarum, noviter, magnoque labore elucidatus.



# A O L E I T O R

## M A L E V O L O.

**R**Egra he muy ordinaria, experimentarem os que escrevem em huns o louvor, em outros o vituperio, em huns agrados, em outros de affeição: o mesmo he fahir a Obra a publico, que passar de author a reo o Author della, obrigado a defender-se em tantos juizos, quantos são os impios Leitores, e expostos a fahir, por não ser ouvido, rigorosamente condemnado, como bem conheceo o Marcial Inglez:

*Qui scribit, laudatur ab his, culpatur ab his,  
Lectoris vultu statque, caditque sui  
Semper agit causam, nec tempore transigit ullo;  
Semper enim sub te iudice Lector erit.*

No Prologo passado falley com os Leitores pios, neste me reservey para fallar com os impios, e inimigos, e porque dos máos, e ignorantes foy sempre mayor o numero, por sentença da mesma Sabedoria: *Stultorum infinitus est numerus*, tenho por certo, que seraõ mais os que me vitupérem, do que os que me louvem; e tambem sey, que os que por natureza são máos, são difficultos, a que a força da razaõ, ou da arte os faça bons: *Difficile lentur ferox animus. Ex Sallustio*; por isso não seguirey neste Prologo o estylo mais commum dos Escritores, occupados sempre nelles em os reduzir à razaõ, ou mover à piedade, mas em todo elle me empregarey em reprehendellos, e injuriallos, para que ou se callem de envergonhados, ou fayaõ a publico com Obras suas, que me obriguem ao silencio de vencido, porque sem isto não hei de deixar de fallar nem elles teraõ dentes para morder; pois ao primeiro assomo da voz, e ao primeiro rugido dos dentes lhe direy o que disse o Inglez Marcial ao Critico Lelio, que ou deixem de me morder, ou mostrem no que escrevem, que são Mestres, e como taes, legitimos censores, ou censuradores de direito.

*Cum tua non edas, carpis mea carmina, Leli,  
Carpere vel nolle nostra, vel ede tua.*

Verdadeiramente que he lastima, que tenha lingua para morder, e murmurar alheios delvelos, quem não tem juizo para discursar, nem mãos para escrever, e que os que vivem sepultados na ociosidade, refuseitem do ocioso, e culpavel delcanço para a lingua, ficando sempre amortecidos para a obra; mas se isto se póde chamar lastima, não se póde com tudo qualificar novidade; porque taõ antigo he, como a mesma creação do Univerlo, saberem obrar menos os que aprenderaõ a fallar mais.

Em muitas cousas confesso tem que reparar os Criticos zoilos nesta mi-



na Obra: referirey as mais principais, não com animo de me defender; pois sey, que he empenho impossivel nenhuma defeza no juizo dos mal intencionados, por natureza criticos, e por officio murmuradores; mas com intento de que fiquem tanto mais murmuradores, quanto mais por ignorantes reputados.

Em primeiro lugar me dirão, que a Obra não tem mais de minha, que o fahir a luz com o meu nome, porque toda ella foy a emprego do desvelo de outras mais bem aparadas pennas, e que devo restituir o seu a seu dono, e ficar-me com a infamia de haver roubado para mim o louvor merecido do fuor alheyo: confesso os furtos, e não nego, que o primeiro louvor he dos inventores das differentes maximas, e sentenças em que a fundey; mas tambem me devem confessar, que se o primeiro louvor he dos inventores, o segundo he meu pelo uso, disposiçãõ, e arte com que a compuz, senão he que negaõ a Seneca, que na *Epistola* 65. diz, que ainda que as maximas, e sentenças se achem envelhecidas nos archivos da antiguidade, sempre he louvavel, que se tirem das gavetas destes archivos para a praça do Universo: *Etiam si omnia à veteribus inventa sunt, hoc semper erit novum, usus, & inventorum ab aliis scientia, & dispositio.* A Lypfio, que se gloriava, que ao passo que a sua Obra não tinha cousa sua, era cousa sua: *Omnia nostra, & nihil;* Tertuliano, que se jaçtou, que fazia huma cousa nova de huma velha: *Novam aggredimur ex veteri;* e a *Origines* na *Homilia sobre Jeremias cap. 12.*, que confessa, que antes delle tinhaõ sobre a mesma materia remontado seus voos Aguias mais generosas, que seguia sem mais novidade, que a da ordem: *Hoc autem me alii exposuerunt; & quia non improbo interpretationem eorum consentiens eandem profero, non quasi ipse reperiam, sed reperta jam repetens, ut mihi paretur, vobisque conducat, si tamen quæ dicenda sunt, intentus animus excipit.* Nunca são sobejas as lembranças donde falta a emenda, como disse Seneca: *Nunquam nimis discitur, quod nunquam satis discitur;* não se deve largar o enfermo, que nunca acaba de convalecer; donde se colhe, que posto que sejaõ muitos os livros, que sobre esta materia se tenhaõ escripto, todos são importantes para mover, e despertar tamanhos descuidos:

*Humanum curasse genus, quis terminus unquam  
Præscripsit: nullos recepit sapientia metus.*

A artificiosa abelha, fazendo correição pelos campos de Flora, rouba às flores do prado o doce liquor, com que engenhosamente fórma o doce favo, que sendo lisonja dos olhos, he regalo do gosto, e triaga do defabrído do fel, ou do salgado manjar; assim o curioso, e estudioso, dando vista aos livros, fabricados na officina da douta Pallas, furta à Rethorica as flores, à Eloquencia as folhas, à Logica os frutos, com que sabiamente compoem o livro, que sendo divertimento do tempo, emprego do cuidado, desvelo do entendimento, regra da vontade, freyo do irascivel, e concupiscivel, he delicia da razaõ, e fruto das virtudes, como descreve *Seneca Epistola* 85. *Quidquid lectione collectum est, stylus dirigat in corpus, nosque apes debemus imitari, & in unum saporem varia libamenta confundere, ut etiam si appareat unde sumptum sit, aliud tamen esse, quam unde sumptum est, appareat;* parecendo diverso, pois dirigio o estylo quanto augmentou o estudo, e formou o desvelo, hum manjar saboroso dos varios documentos, que recopilou a liçaõ de differentes Authores, e isto com tal arte, que ainda que descubra o fahir alguma cousa do furto, o faz a uniaõ parecer diverso: isto, que disse Cicero, transformou Ovidio em hum Epigramma:



*Instar apes debet variis excerpere libris,  
Melistuo ut manet dulcis ab ore licor.*

O famoso Poeta *Lucrecio* no seu livro 3. confessa, que tudo o que escreveu à imitação da abelha, o tirare dos livros:

*Floriferis ut apes in saltibus omnia libant,  
Omnia nos itidem depascitur aurea dicta.*

A engenhosa ramalleteira, feita verdugo das flores, nos jardins das Hespérides, corta o encarnado das rosas, Rainha das flores, degolla o vermelho do cravo, o branco da assucena, o roxo do lirio, o azul da violeta, e reduzindo a monte a diversidade de flores, com tal ordem as dispoem nas prizoens, que forma hum ramallete, que sendo emprego da vista, mantimento dos olhos, he suavidade dos narizes, e odorifero enleyo do terceiro sentido: isto mesmo faz o que escreve, que buscando diversas flores, e diferentes frutos, espalhados por varios livros, os ajunta de maneira em hum livro, que nelle não ha nada de novo, se se olha a materia, e nada velho, se se attende ao artificio, como sentio *Cassiodoro* no liv. 9. das varias *Epistolas* Epist. 25.: *Colligens in unam coronam germen floridum, quod per librorum campos passim fuerat ante dispersum.*

Nem he pouco colher de tantos para ajuntar a hum: o trabalho, que causa, os desvelos, que custa, diga-o o que o experimentou; e não vós, Leitores impios, que como nunca tomastes o pezo ao trabalho, não sabeis a carga que carrega sobre os que sem lhe perdoar, a tomão para vosso bem, utilidade da Patria, e vida das virtudes; que eu só vos direy, que senão merece louvor o que compoem Obra sua de suores alheyos, não ha Author, que mereça ser louvado; e por ultima resposta da primeira objecção vos lembro, que a *Lucio Afranio* se poz na cara, que tudo o que escrevia, era furtado de *Menandro*; e respondeo elle, que não só de *Menandro*, mas de todos os mais, que lhe serviraõ para o seu intento, e que disto estava taõ satisfeito, que tinha para si, que nunca fizera cousa melhor; e repetindo o mesmo que *Afranio*, vos digo com elle:

*Fateor sumpsisse non à Menandro modò,  
Sed ut quisque habet quod convenit mihi,  
Quod me non posse melius facere, credi.*

Em segundo lugar me diraõ, que só he digno de escrever virtudes quem no exercicio dellas he pratico, como escreve *Plinio o Menor* no livro 3. *Epist. 3.*: *Mira illis dulcedo, mira suavitas, cujas gratia cumulat sanctitas scribentis.* Confesso, que melhor era que eu tivesse mais obras virtuosas, e menos escritura sobre ellas, mas senão te move a reverencia de quem as trata, movate a razão com que provo o que digo, que isto mesmo respondeo *Wem*, sendo-lhe feito o mesmo reparo:

*Nec te dicentis moveat reverentia; sed quid  
Dixerit, & qua firma ratione probet.*

Injusto he perder alguma Obra sua authoridade pela pouca do que a fez: *Facinus est maxime a remedium gratiam Authoris vocabulo pendere.* Ex *Quintiliano*: *Nunquam in bona re mali pudeat Authoris,* disse *Seneca.*



Em terceiro lugar me dirão, que vou fóra das regras da minha profissão; mas a isto respondo, que a Jurisprudencia não he outra cousa mais, que huma noticia das cousas divinas, e humanas, e huma sciencia do justo, e injusto: *Jurisprudencia est Divinarum, atque humanarum rerum notitia, justis, atque injustis scientia*; e sendo por obrigação Jurista, mal podia ter noticia das cousas Divinas, e humanas, e sciencia do justo, e injusto, sem saber as virtudes para as abraçar, e os vicios para lhe fugir.

O fim da Jurisprudencia só se encaminha a regular conforme as virtudes os costumes dos homens, e encaminhallos a este fim; e como poderá fazer isto o que nem as virtudes souber o nome? A Jurisprudencia he filha da Philosophia Moral, e não poderá ser Jurisprudente quem não for bom Philosopho Moral: quanto mais, que a materia da nossa Obra a nenhum he particular, antes he geral de todos, quanto he decente, e conveniente a todos, por conselhos da virtude, chegar a viver bem, e as sentenças moraes, que nella se envolvem, e exemplos, que nella se referem, a este fim caminhaõ, as quaes todas se devem executar. Não deixo de entender, que com mais authoridade, e com mayor primor as poderá melhor escrever, e tratar hum barrete, ou hum capello, que hum chapeo, e os que por principal officio, e obrigação seguirão estudo mais proprio dellas; mas em que razaõ cabe, que esquecida esta materia dos doutos da profissão, ou tratada a bocados em diferentes livros, deixem de communicar às gentes cousa de tão certo proveito, e tão sem damno junta em estes livros por hum chapeo por profissão Jurista, por obrigação obrigado a saber todas estas materias, por officio Julgador, por estado casado, e por religião Catholico Romano?

Em quarto lugar me dirão, que carreguei estas liçoens de authoridades, e sentenças de Gentios, sendo que nas Sagradas letras, e nos Doutores Catholicos as poderá achar mais proprias, e mais infalliveis, que nos humanos Philosophos Gentios; porém a isso respondo, que o mesmo estylo seguirão os Santos Padres, e Doutores da Igreja; dis a penas se achará hum, que entre o Sagrado senão valesse do profano; ou porque sendo nossa Catholica religião mestra da verdade, tem direito sobre todas as verdades, como disse S. Justino Martyr: *Quae praeclarè ab omnibus dicta sunt, nostra sunt Christianorum*; ou porque nos corramos, que sejaõ nossos Mestres os Pagãos, sem luz da fé, sem mais Mestres que a razaõ natural, como exclama Santo Agostinho aos seus Irmãos do Ermo no *Sermão 37.* fallando dos Sacerdotes Gentios da Ethiopia: *Ecce Pagani doctores fidelium facti sunt.*

Em quinto lugar medirão, que assim como o excellente Philosopho Xenophonte debuxou em a pedra de Cyro hum Principe perfeito, que nunca vio, nem pode entender que o houvera, formou o em a idéa, e tresladou-o ao papel, e ficou-se com o desejo, e debuxo, porque atégora nenhum o achou: Plataõ seu condiscipulo deliniou huma Republica, formando-a em idéas, que nem ha sido, nem pode ser: Thomaz Mouro descreveo huma Cidade, imitando a Plataõ; Castellon a hum perfeito Cortezaõ, imitando a Xenophonte, o que tudo se ha ficado em idéas, porque não póde haver exemplar vivo, que as siga.

Assim tambem eu quero tantos requisitos para hum Ministro ser perfeito, que não he possivel, que tenha mais ser, que o de imaginado; porque respondo, que de tanto necessita hum Principe para ser perfeito, como debuxou Xenophonte, huma Republica para ser felix, como deliniou Plataõ, huma Cidade para ser excellente, como descreveo Thomaz Mouro, hum Cortezaõ para ser consumado, como deliberou Castellon; e que senão houve Principe como o imaginado de Xenophonte, Republica como a formada de Plataõ,



tao, Cidade como a constituida de Thomaz Mouro, Cortezaõ como o debuxado de Castellon, naõ houve nem Principe, nem Republica, nem Cidade, nem Cortezaõ perfeito, porque naõ houve Principe, nem Republica, nem Cidade, nem Cortezaõ virtuoso, que he só o que os podia constituir em todo perfeitos, pois em lhe faltando huma virtude, careciaõ de todas, porque as virtudes de tal modo estaõ encadeadas humas com outras, que em lo tendo huma, se lograõ todas, como disse Plinio Junior: *Cui virtus aliqua contingit, omnia contingunt*, e Lucio Floro: *Virtutes sibi invicem sunt connexæ, ut qui unam habuerit, omnes habeat*; e faltando huma desaparecem todas, escreveo S. Gregorio: *Nulla virtus est vera virtus, nisi aliis sit admixta virtutibus*.

Em ultimo lugar me diraõ, que para doutos naõ servem estas Liçoens, porque tem outros livros em que para se aproveitarem, pódem empregar melhor o tempo; e que tambem para indoutos naõ servem, pois as naõ entenderáo; mas a isto respondo com Cicero, que naõ quero que as leaõ nem os doutos, porque sabem, e entendem mais que eu, nem os indoutos, que sabem menos: *Quod scribimus nec docti, nec indocti legant, alteri enim nil intelligunt, alteri plus forsã, quàm de nobis nos ipsi*: mas os que tiverem bom juizo, que he o meyo, que segundo Plataõ ha entre a ignorancia, e sobedoria: *Inter sapientiam, & ignorantiam media est recta opinio*.

Em conclusaõ, inimigo Leitor, se lendo-as, te naõ parecer bem nada, te terey por invejoso; e por ignorante, se tudo te parecer bem:

*Qui legis ista, tuam reprehendo; si laudas  
Omnia, stultitiam; si nil, invidiam.*

Que traduzio em idioma Castelhanao D. Francisco de la Torre na forma seguinte.

Dime, o Lector, condemnada  
En tu alabança fin modo,  
Por needad, si está en todo,  
Por embidia, si está en nada.

E proseguindo o assumpto, discorre em voz do livro, que mais util a censura do invejoso, do que o applauso do nescio:

Sin discernir no ingenioso  
Dizen con distante aprecio,  
Que soy todo bueno, el nescio  
Todo malo, el embidioso:  
Si deste lo riguroso  
Me emienda, se me enageno  
Del nescio al applauso lleno,  
Que me han de bolver señalo,  
El uno de bueno, y malo,  
Y el outro de malo, y bueno.

Porque por mais máo que seja o livro, sempre tem alguma cousa boa, como sentio Plinio o Menor: *Nullus est liber tam malus, quin ex aliqua parte proficit*; e por mais bom que seja, sempre tem alguma má. E acabo com te dizer, que se naõ contentar a todo o Leitor, tambem me naõ contento de todo o Leitor:



*Non cuivis lectori, auditorique placebo:*

*Lector, & auditor non mihi quisque placet.*

Por onde digo, que a quem faltar a piedade, e cortezia, para ver, naõ lea esta nossa Obra; quem com piedade, e cortezia a ler, saiba que lhe fallo verdade:

*Vos qui virtutes colitis, vos ad mea tantum*

*Dicta aures adhibete, animosque intendite vestros:*

*Contra, qui sacras leges contemnitis, hinc vos*

*Effugite.*



# PROEMIO.

**D**Epois que com mais maduro juizo pezey na balança do discurso a inconstancia, e variedade das couias do mundo, sua pouca permanencia, a certeza da morte, e conta, que havia de dar de todas as obras, pensamentos, e palavras ao Author da vida, procurey buscar caminho, que me guiasse ao fim para que me criou, e pelo qual fizesse minha jornada ajustado às obrigações de minha profissão, e estado, que por ser de casado, e de Ministro, cresce com ellas ao mesmo passo mayor o risco, e o merecimento, este nas azas das obras boas, e aquelle nas pennas das más; e como para todo o estado, e profissão he unico caminho o da virtude:

*A centro ad circum non unica linea ducit,*

*A terra ad caelum fert tamen una via.*

Achey, que só por este poderia passar a carreira da vida, e chegar ao ultimo fim, a que todos devemos encaminhar: *Unica igitur virtutis, ac bonorum via, quae fert nos in Elysios campos,* como cantou D. Francisco de la Torre:

No al circulo desde el centro.

Conduze una linea milma;

Y al centro desde la tierra

Un solo camino és via.

Porque a virtude he só a que nos póde fazer bemaventurados, como conheceo Tito Livio: *Beata vita virtute fit*, por quanto o que a logra, não necessita para viver bem, de outra alguma cousa. Cicero no livro 1. da Rhetorica: *Qui virtutem habet, is nullius rei ad bene vivendum indiget*; a gloria da formosura, e da riqueza frouxa, e fragil, he a da virtude clara, e eterna, escreveu Sallustio, tratando da conjuração de Catilina: *Divitiarum, & formae gloria fluxa, atque fragilis est: virtus clara, aeternaque habetur*. Nenhum bem he tão proprio do homem, como a virtude, disse Tacito no livro 4.: *Virtus est proprium hominis bonum*: tirada a virtude, do mayor homem fica pequeno: *Tolle virtutem fortunati hominis, parvus remanebit*, e posta no pequeno, fica tão grande, que o poem ainda sobre os Astros, Seneca: *Virtus extollit hominem, & super Astra mortales collocat*.

A todos os homens, por parecer de Seneca na Carta 10., deu a natureza fundamento, e concedeo campo para semear as virtudes: *Omnibus enim natura dedit fundamenta, semenque virtutum*. A todos os homens, sem distincção de pessoas, está patente a virtude; para nenhum tem as portas cerradas, porque a todos admite, e a todos convida: *Nulli praclusa est virtus, omnibus patet, omnes admittit, omnes invitat, non elegit dominum, non censum, nudo homine contenta est*: todos os homens necessitam da virtude, como unico bem do homem: *Unum hominis bonum est ipsa virtus*; porque pela virtude

grangea



grangêa o homem no Ceo a gloria, na terra amigos, porque tem a virtude não se que feitiços, que nada ha mais amavel, nada que mais cative os homens para amalla; ainda os que não chegaraõ a vella: *Nil est amabilius virtute, nil quod magis alliciat homines ad diligendum, quippe cum propter virtutem, & probitatem eos etiam, quos numquam videmus, quodammodo diligamus*, e o que mais he, que até os inimigos senaõ amaõ aos virtuosos, ao menos os veneraõ, como confessou Filippe, grande inimigo de Demósthene: *Virtus etiam in hoste diligitur*, disse Tullio.

Porém nos Ministros, nos Superiores, nos pays de familias deve estar a virtude tanto em seu ponto, que a todas as luzes resplandeça, e por todas as partes se deixe ver, porque os Ministros, Superiores, e pays de familias saõ espelhos do subditos, e nelles como em espelhos ataviaõ seus costumes: *Secundum Judicem pupilli, sic & Ministri ejus, & qualis rector civitatis, tales inhabitantes in ea*, disse a mesma Sabedoria no Cap. 10. do Eccles. Grande ignorancia argue, escreveu Sócrates a Nicóces, o não saber que os costumes das Cidades se conformaõ ao exemplo dos Superiores, que as governaõ. *Non ignores totius Civitatis mores ad exemplum Magistratum conformari*. Isto mesmo, que passa nos Ministros, e Superiores, se vê a risca nos pays de familias; e nenhum he mayor Mestre das virtudes dos filhos, que os proprios pays, porque de nenhum exemplar he naturalmente mais facil para a imitação. Aquelle virtuoso Rey Agefilão não quiz Mestre quando menino, dizendo, que daquelle devia aprender, de quem havia nascido, antes de haver estudado soube, que nenhum melhor lhe podia dar os documentos da vida, que o que lha havia dado: mais altamente se imprimem as imagens da virtude, quando calido fello he o amor paterno, e branda cera a obediencia filial: mais em escola paterna ensinaõ os bons exemplos, que os bons documentos, porque saõ mais fieis os objectos da vista que os do ouvido, e he mais facil mandar bem, que executar bem. Repreendeo o Caranguêjo a seu filho, dizendo-lhe: *Filho meu tu não caminhas direito*, elle lhe respondeo: *Eu pay caminbo como vejo que tu caminhas*. Na mais familia passa o mesmo, que nos filhos: conta Enéas Sylvio, que perguntado a Nicolao V. qual fosse Eugenio IV., respondeo, que isto era facil de saber, porque tal era a familia, qual era o pay della: *Cum quæreretur aliquis ex Nicolao Quinto qualis esse Eugenius Papa Quartus, inquit, hoc facile est cognitu, nam qualis familia est, talem, & Principem invenies*.

Obrigaçoens, que considerando eu com vagar, me resolvi a ler huma grande quantidade de livros Portuguezes, e Castelhanos, politicos, historicos e espirituaes, para com a sua doutrina ajustar as obrigaçoens de Ministro Politico às de Christaõ, para o que me foy necessario examinar não menos as virtudes de hum Ministro perfeito, e Christaõ, que as de hum Catholico, e diligente pay de familias. Depois de muito estudo, e grande trabalho, vim a conhecer, das regras, e doutrinas desta arte por tantos divididas, não era fiel depositaria a memoria, mas que amontoando-as as devia entregar à escriptura, tanto porque se sabe melhor o que se escreve, e se acha com menos trabalho, e mais proveito, o que ajunta o proprio estudo, quanto porque he obrigação dos pays a juntarem para os filhos, e nenhum thesouro me parece lhe podia grangear mais rico o meu desvelo, que tantos documentos Christãos, Sabios, e Politicos, quantos ajuntou o meu trabalho, para que em todas as profissoens, e estados, que tiverem, possaõ por meyo da virtude ser senhores da fortuna, porque sempre vem com a virtude a prosperidade, como disse Tito Livio *Fortuna virtutem sequitur*: ordinariamente morrem os pays antes que possaõ com o exemplo deixar estampadas nos

coraçõens



coraçõens dos filhos as virtudes, e na memoria os documentos, que ou pe-  
 los annos, ou pelo estudo, ou pela experiencia reconheceraõ unicos para se-  
 gurar aos filhos naõ menos a eterna, que a temporal felicidade; e por isso he  
 sabio acordo, que substitua a escriptura, o que naõ pode ensinar o exemplo,  
 nem dizer a voz: *Aliquid sanè relinquendum est, ut cum diutius nobis vivere non  
 liceat, eo ipso nos vixisse testemur*, escreve S. Jeronimo a Paulo, e o nosso  
 Baldo no Proemio das Decretais diz: *Quemadmodum triste evenit diviti discede-  
 re sine hærede; ita etiam miserrimum est habenti gratiam intellectus, & posteris  
 suis scriptum nil relinquere, quo possint veluti hæredes intellectus aliquantulum con-  
 solari*, porque infundio a natureza nos exemplos, palavras, obras, e escri-  
 turas dos pays mais efficaz persuaçãõ, que nas outras, ainda que mais sabias,  
 mais lantãs, e mais eloquentes, porque naturalmente parecem melhor aos fi-  
 lhos as obras dos pays, que as dos estranhos.

Assentado em que devia escrever o que ajuntasse em cada huma das ma-  
 terias o desvelo, comecey a lidar, que modo, e fórma seguiria na ordem: de-  
 pois de muitas, que ideou desvelado o discurso, me vim a deliberar a descre-  
 ver humas Liçoens Moraes, Politicas, Christãs, Militares, Economicas,  
 e Monasticas, divididas em quatro partes, e fundadas sobre as quatro virtu-  
 des, que por serem as bases, e fundamentos de todas as outras, ou Capitaens  
 famosos daquelles quatro esquadroens guerreiros com que na militar campa-  
 nha do mundo pelejamos contra os vicios, se chamaõ Cardeais, Prudencia,  
 Justiça, Fortaleza, Temperança: *Solidum mentis*, diz S. Gregorio livr. 2.  
*Moralium cap. 3. nostræ ædificiûm Prudentia, Fortitudo, Temperantia, Justi-  
 cia sustinet, in quatuor ergo angulis domus ista subsistit, quia his quatuor virtuti-  
 bus tota boni operis structura confurgit.*

Intitaley as Liçoens, porque este nome liçaõ tem dous sentidos, hum,  
 que significa liçaõ, porque ensina, outro, que significa liçaõ, porque se lê:  
 o primeiro suppoem Mestre, que a dá, e discipulo, que a aprende: o se-  
 gundo suppoem só Lector, que a leya sem Mestre, que a ensine; para mim,  
 e para os meus filhos quizera, que fora liçaõ no primeiro significado: para  
 os mais será liçaõ no segundo, que servirá ao menos para o divertimento, e  
 censura, quando naõ sirva para o ensino:

*Quod mores accuso malos me, Zoile, carpis,*

*Consciens an forsan, quod reprehendo tuos.*

*Cur tibi præ reliquis metuas? fortasse ego mores*

*Cum reprehendo malos, tum reprehendo meos.*

Moraes, porque trato das virtudes, cujo habito intellectivo dispoem ao ho-  
 mem para obrar cousas honestas, segundo o dictame da prudencia. Politicas,  
 porque procurey encaminhar as regras destas virtudes ao bem commum.  
 Christãs, porque intentey mostrar, que a verdadeira Politica consistia em  
 seguir os dictames da ley Evangelica. Militares, porque além de que todos  
 fomos soldados, que militamos na vida, que naõ he outra cousa mais que  
 huma guerra declarada: *Militia est vita hominis*, infinuo nellas os dogmas mais  
 principais da milicia. Economicas, porque nellas achará o prudente pay de  
 familias a direcçaõ mais sabia, que escreveraõ os mais doutos. Monasticas fi-  
 nalmente, porque nellas poderás aprender a governar-te a ti, estudo o mais  
 util, em que podes empregar o trabalho.

Dividi-as em quatro partes, porque quatro saõ as faculdades d'alma,  
 capazes de virtudes, a saber o entendimento, e a vontade em a parte racio-  
 nal, ira, e desejo na sensitiva; e quatro saõ os angulos, ou columnas das vir-  
 tudes



tudes Cardeais, sobre cujos fundamentos se deve fabricar todo o edificio das Virtudes, como acima disse com S. Gregorio, porque em cada huma destas facultades reside huma Virtude moderadora, e mestra dos bons costumes; da mesma maneira, que sobre hum potro indomito se poem hum picador, que o manda.

A Prudencia, residindo no entendimento, tendo por fim o consultar bem, o illumina à cerca das cousas factiveis, e dá leys, e ley a todas as virtudes; della, e suas divisoens, e partes integrantes, e potencias trato na primeira Palestra, em que pertendo sahir com hum Ministro a todos os visos prudente.

A Justiça, presidindo na vontade, a modera, inclinando-a às cousas, que olhaõ ao bem alheyo à cerca do commutar, e distribuir; della, suas divisoens, partes integrantes, e potencias trato na segunda, em que pertendo sahir com hum Ministro a todos os titulos justiceiro.

A Fortaleza, assistindo no irascivel, o modera, esperando-o, ou re-freando-o segundo a razaõ à cerca das cousas arduas, e males corporeos; della, suas divisoens, partes integrantes, e potencias trato na terceira, em que intento sahir com hum Ministro por todos os principios forte.

A Temperança, morando no concupiscivel, o modera à cerca dos bens corporeos, e deleitaveis segundo o dictame da razaõ; della, suas divisoens, partes integrantes, e potencias trato na quarta, em que desejo sahir com hum Ministro a todas as luzes temperado.

Lindo circuito he, quando a Justiça busca, a Prudencia acha, a Fortaleza vinga, e a Temperança possue, para que a Justiça esteja no affecto, a Prudencia no entendimento, a Fortaleza no effeito, e a Temperança no uio: *Virtus*, ( diz Santo Abrosio *de Officiis* ) *est si Justitia querit, Prudentia invenit, Fortitudo vindicat, Temperantia possidet, ut justitia sit in affectu, Prudentia in intellectu, Fortitudo in effectu, Temperantia in usu*: quanto cada huma destas virtudes he mais perfeita, tanto entre si saõ mais conjuntas, e unidas; separadas, de nenhum modo podem ser perfeitas; porque nem a Prudencia he verdadeira, que não he justa, forte, e temperada; nem a Justiça he perfeita, senão he prudente, forte, e temperada; nem a Fortaleza he cabal, senão he prudente, justa, e temperada; nem a Temperança he excellente, senão he prudente justa, e forte, escreveo S. Gregorio nos Morais: *Prudentia, Temperantia, Fortitudo, atque Justitia quanto perfectæ sunt singulæ, tanto sibi conjunctæ, disjuncta autem perfectæ nequaquam possunt, quia nec Prudentia vera est, quæ justa, & temperans, & fortis non est; nec Temperantia perfectæ, quæ fortis, justa, & prudens non est; nec Fortitudo integra, quæ prudens, justa, & temperans non est*; porque as virtudes contrahiraõ entre si tal sociedade, que em faltando huma, desapparecem todas: *Omnes virtutes sibi ita coherent, ut qui unã caruerit, omnibus careat; qui ergo unam habet, omnes habet*, segundo S. Jeronymo.

Não tratey de que rigorosamente fosse cada parte dessas virtudes debaixo da bandeira de cada huma dellas, porque sendo as virtudes entre si taõ irmãs, não me pareceo que desacertava em tratar de algumas em lugar diferente do que pedia o rigor Philoiphico, porque não curo de ensinar Philosophia especulativa das virtudes, mas só procuro instruirme nellas, e a meus filhos pela ordem, que me pareceo mais accommodada a este fim, considerando, que em qualquer lugar, por sentimento de Seneca, está em seu lugar a virtude: *Nusquam potest non esse virtuti locus*, e que não escrevo este livro para Philoiphos, Theologos, Juristas, ou Sabios, mas para rudes, e ignorantes, que tratem mais de se enriquecerem de virtudes, e amor de Deos,



do que de averiguar subtilezas, imitando a S. Bernardo, que no Prologo, quo fez ao livro, que intitoulou de *Regimine conscientiae*, diz assim: *Istum ergo librum offero intuentum non Philosophis, non mundi sapientibus, non magnis Theologis infinitis quaestionibus implicatis, sed rudibus, & indoctis magis Deum diligere, quam multa scire conantibus; non enim in disputando, sed agendo scietur ars amandi.*

Em cada huma das virtudes, que falley, tratey tambem dos vicios oppostos, careando desta sorte as virtudes com os vicios, para que vendo-se os vicios no espelho das virtudes, conheçamos melhor naõ menos a formosura destas, que a fealdade daquelles, para que quando nos naõ aparte dos vicios o amor das virtudes, nos obrigue a fugir a fealdade dos vicios. Para o entendimento se coroar Rey das virtudes, he preciso destruir todo o reyno dos vicios, escreveo Santo Agostinho: *Non potest habere regnum virtutum, nisi prius excluserit regnum vitiorum*; em o reyno dos deleites naõ mora a virtude: *In voluptatis regno non potest virtus consistere*, disse Cicero; e por isso disse Lucio Floro, que a doutrina mais necessaria era desaprender os males: *Disciplina magis necessaria est mala didiscere*, porque tudo o que he contrario ao vicio, he virtude, por sentença de Lactancio: *Et quod vitio contrarium est, virtus dicitur*; e naõ basta, diz o Principe dos Philosophos, dizer lómente a verdade, mas convem tratar da causa da falsidade: *Non oportet tantum verum dicere, sed causam falsi assignare*; a verdade está nas virtudes, a falsidade nos vicios, e tambem rebuçada, que passãõ muitas vezes praça de virtudes verdadeiras, o que he vicio na essencia: *Finitima sunt falsa veris*; disse Cicero.

Enchi todas as Liçoens de sentenças da Escritura, Santos Padres, Doutores da Igreja, e dos Gentios Philosophos, para que a authoridade dellas, e a infallivel verdade, que contem, servisse, naõ menos à utilidade que procuro, que à recreação, e refeição do animo dos Leitores: *Reficit, & reparat animos veritas*, escreveo Quintiliano: carreguei-as de exemplos; assim porque li em Seneca, que era muy dilatada, e pouco efficaz a doutrina por preceitos, e pelo contrario muy breve, e efficaz por exemplos: *Longum iter per praecepta; breve, & efficax per exempla*; como tambem porque achey em Quintiliano, que se deve usar no que se diz de exemplo, para que com mais facilidade se perceba: *Exemplis utimar in dicendo, ut facilius intelligatur illud, quod dicitur.*

Bem sey, que he impossivel, que pareça bem esta minha Obra aos Leitores, tanto porque reconheço, e ingenuamente confesso os defeitos della; como porque os vivos costumãõ ser invejados, e só os mortos applaudidos, como cantou Ovidio:

*Scripta placent à morte ferè, quia ledere vivos  
Livor, & injusto carpere dente solet.*

Que com valentia, e elegancia traduzio em idioma Castelhanao D. Antonio de Soliz Ribadaneira, nos versos seguintes:

O ingenio humano siempre desgraciado,  
Con el Siglo presente,  
Y solo mas feliz con el passado,  
Si a caso eres feliz; pues solamente  
Merecen alabança,  
Los que morieron ya; mas los que viven,




Ni encuentran con la fama en quanto escriven ,  
Ni aun se les dá el applauso en esperança ;  
Y es , que la embidia embuelve su tormento ,  
Con el officio del entendimento ;  
Y es fiera tan sangrienta ,  
Que solo de hombres vivos se alimenta.

Porém advirto sómente , se leaõ estas Liçoens com prudencia , e se censurem com modestia , por ser alheyo , e naõ meu o mais , e o melhor , que ha nellas , ponderando , que :

Quien presume corregir ,  
Debe bien considerar ,  
Que fué siempre el censurar  
Mas facil , que el escribir.







## DIVISAM DA OBRA.

**E** Screve o grande Padre S. Gregorio *libro secundo Moraliu, capitulo 26.*, que todo o solido edificio das virtudes se funda sobre aquellas quatro columnas, ou firmísimos fundamentos das quatro virtudes Cardeaes, Prudencia, Justiça, fortaleza, e Temperança, e sobre estes tão firmes, como solidos alicerces, fundaremos todo o nosso discurso, dividido em quatro Palestras, em que será todo o nosso empenho sahirmos na primeira Palestra com hum Ministro prudente, na segunda com hum Ministro justiceiro, na terceira com hum Ministro forte, e na quarta com hum Ministro temperado. Está dividido o assumpto, dividamos agora os discursos em cada huma das Palestras para melhor o podermos seguir com a felicidade que deseamos, e conseguir o effeito, que de nosso trabalho pertendemos.

A primeira, e principal columna sobre que se funda este tão necessario, como formoso edificio da virtude, he a Prudencia, que residindo em o entendimento, dando leys a todas as virtudes, dirige a regra da razão, não só no que obramos, mas ainda no que cuidamos, cujas partes são, segundo Santo Thomaz 22. *questão 48. e 49.* Memoria, que he huma lembrança, pela qual o animo repete as couzas que foraõ, cujo opposto he o Esquecimento, que he hum defeito da memoria do passado; Experiencia, que he hum conhecimento das cousas singulares, e huma arte das universais; Conselho, que he hum desejo de fazer as cousas, discutida, e examinada a razão; Observação, que he huma prudente advertencia do que se vê, lê, ou ouve; Docilidade, que he hum bom dictame para ser ensinado dos mais sabios, e não se estribar em seu proprio juizo, e sabedoria; Solercia, que he huma subtil, e prompta conjecturação do meyo porque succede alguma couza; Providencia, que ordena o presente ao futuro; Circunspeção, que he hum juizo, e consideração das circumstancias, que ha de ter a obra virtuosa; Cautela, que he huma discreta attenção com que se devem advertir, e evitar os perigos, e impedimentos, que podem occorrer; Raciocinação, que he hum discurso com acerto, deduzido do que não se entende, como em geral as particulares razões, ou conselhos para as operaçoens virtuosas.

A Prudencia se divide em cinco especies, a saber em Regnativa, que ensina a governar os Reynos, e pertence propriamente aos Reys; em Politica, que ensina a governar as Cidades, e Republicas; em Enerchia, que ensina a governar cada hum a si; em Militar, que ensina a governar os exercitos na guerra; e em Economica, que ensina o governo domestico das familias.

Tem a Prudencia mais tres partes, a que chamaõ Potenciais: Syneris, que consiste em fazer saõ juizo; Ebullia, que dirige, e fórma o bom conselho; Gnome, que ensina em alguns casos particulares a sahir das regras commuas; que he necessaria para a Epiquêa; a esta virtude se oppoem a Astucia, Imprudencia, Fraude, e Dolo.

A segunda columna, em que se sustenta o famoso edificio da virtude,  
e he



he a Justiça, que residindo em a vontade, he Rainha, e moderadora de todos os actos della, a qual he huma constante, e perpetua vontade de dar a cada hum o que he seu; esta se divide em Commutativa, e Distributiva; esta governa as operaçoens com que se distribuem as cousas commuas a pessoas particulares; e aquella ensina a guardar reciprocamente igualdade em o que se dá, e recebe entre particulares pessoas; suas partes são Religião, que he huma virtude, com que damos a Deos o culto, e reverencia que lhe devemos, ainda que sua grandeza excede infinito, e seus dons não podem ter igual retorno de agradecimento; Agradecimento, que he huma virtude, com que fazemos alguma igualdade com aquelles, de que recebemos o beneficio, e affecto, com que o fez; Verdade, que inclina a tratar com todos, como he justo que se trate em a vida humana; Vendicação, que he virtude, que ensina a recompensar com alguma pena o damno proprio, ou do proximo, que se recebeu de outro; Affabilidade, que he hum decente modo de ouvir, e conversar em o decoroso, e justo, sem litigios, nem lisonja: as mais partes veremos na segunda Palestra.

A terceira columna he a Fortaleza, que serve para moderar as operaçoens, que cada hum exercita, principalmente consigo, com a paixão irascivel, seu objecto he à cerca dos perigos da morte, o fugeito he o irascivel: as partes da Fortaleza são, Confiança, com a qual cada hum tem no perigo prompto o animo, debaixo da qual se comprehende a Magnanimidade, em obrar cousas grandes, a quem segue a honra grande das virtudes, e por isso disse, que tem por materia propria as honras grandes, de que nascem a esta virtude muitas propriedades, que tem os magnanimos, como aborrecer lisonjas, simular hypocrisias, não ser cobizosos senão do mais honesto, e grande, nem interessados, nem amigos do mais util, senão do mais honesto; nem fallar de si mesmo com jaçtancia, nem inclinados, senão a cousas grandes; Magnificencia, que significa obrar cousas grandes, e esta significação tão estendida, póde ser commua virtude, que em todas as materias virtuosas obra cousas grandes; porém ha especial razão, e difficuldade em obrar, e fazer grandes gastos, e por isso se chama Magnificencia, especial virtude, que determinadamente inclina a grandes gastos, regulando-os pela razão, para que nem o animo seja escasso quando a razão pede muito, nem tambem profuso, quando não convem, consumindo o que não devia: debaixo desta virtude se comprehende a Constancia, que he huma virtude, que faz persistir no bem contra as difficuldades que se oppoem. Perseverança, com a qual o animo do homem forte não se quebra, nem desiste de sua grandeza, não só pelas difficuldades, mas tambem pela diuturnidade dos males imminentes; Paciencia, que he huma voluntaria, e diuturna posse de cousas arduas, e difficultosas por causa da honestidade, debaixo da qual se comprehende a virtude da Tolerancia, que he virtude, com a qual pelo honesto, e honorifico soffremos as cousas laboriosas, e difficultosas, cujos contrarios veremos, quando tratarmos de cada huma destas virtudes.

A ultima columna sobre que se estabelece este nobilissimo edificio das virtudes, he a Temperança, que residindo no concupiscivel, se coroa facilmente Rainha das virtudes, que tempera, e modera nossos desejos, cujo objecto he o trato dos bens delectaveis nos desejos, segundo o modo da razão; o fugeito he o appetite concupiscivel, cujas partes são Mansidão, que modera a ira; Clemencia, que modera o effeito: esta tem seis partes, primeira Cortezia, que he pela qual os animos com a suavidade das palavras, e alegria do rosto mostraõ que não fazem, nem farão as cousas pezadamente; segunda, Benignidade, que he huma virtude, pela qual mostraõ os homens  
a affa-



a affabilidade, com que percebem, o que os outros dizem: terceira Facilidade, que he huma ingenuidade do animo, com a qual se accomoda ao sentimento contrario, sem final de altiveza; quarta, Humanidade, pel qual se movem os animos ajudados da natureza, a ajudar aos outros em alguma cousa; principalmente quando estaõ em trabalhos; quinta, Humildade, que he huma virtude, pela qual os homens se sobmetem a si, e a suas cousas, assim nas palavras, como nas obras, aonde convem, e he honesto, naõ consentindo fazer nada de si arrogantemente, nem querendo, que se diga; sexta, Tranquilidade, com a qual saõ os animos brandos, e socegados de toda a perturbação. He mais parte da Temperança a Liberalidade, que serve para distribuir conforme a razão o dinheiro, ou semelhantes cousas, sem declinar aos vicios da Avareza, ou Prodigalidade: esta tem cinco partes, Magnificencia, de que já fica dito: Hospitalidade, com a qual se admittem os hospedes de boa vontade, e com bom animo, sem respeito ao proprio interesse; Beneficencia, com a qual o animo brando se move a fazer bem; Abstinencia, e sobriedade, que moderaõ os vicios da Gula em a comida, e bebida; Gravidade, que he huma firmeza, e constancia do animo em alguma severidade no rosto, no costume, palavras, e cousas, a qual tem duas partes, Tristeza, e severidade; esta he huma justa dureza do animo, que naõ perdoa nenhum delicto, e obedece nimiamente às leys com atrocidade, sem que a mova nenhum rogo; e aquella he hum habito do corpo, que naõ se alegra nas cousas de gosto, nem se entristece nas contrarias. He outro fim parte da Temperança a Vergonha, pela qual se foge a torpeza contraria à Temperança: esta tem quatro partes, primeira, Honestidade, pela qual se ama a virtude da Temperança; segunda, Castidade, que foge a deleitação principal do cóito; terceira, Pudicicia, que respeita as circumstancias da deleitação, como abraços, beijos, e tactos; quarta, Continencia, que refréa o movimento da vontade. A Moderação he tambem parte da Temperança, que modera o desejo do superfluo, fausto, e ostentação em o vestido, e apparato exterior; e a Modestia, que modera o appetite desmedido em desejar grandes honras, e dignidades: os contrarios destas virtudes se veráõ quando tratarmos de cada huma dellas.

Estas saõ as quatro virtudes Cardeais, e suas partes; e ainda que as dividimos conforme nos ensinaõ muitos livros, que muitas vezes revolvemos para este acerto, conhecemos, que nas partes ha tanta variedade em appropriallas a cada huma destas virtudes, que muitos vimos, que as explicaraõ de outra maneira; mas como estaõ taõ encadeadas as virtudes humas com outras, que senaõ póde tocar em huma, sem ter logo correspondencia de outra, nem se póde fazer preza em a primeira, sem que entre o cordel em os termos, e comarca da segunda, sendo como cythara bem temperada, que senaõ póde tocar sem que as mais correlpondaõ com igual consonancia à que se toca, naõ se poderà notar que tratamos fóra de seu lugar a alguma dellas; além de que a virtude he taõ Senhora, que em toda a parte tem lugar.

A Zoroastres, como disse, que a alma tinha azas, perguntaraõ seus discipulos de que sorte podiaõ voar como aves seus espiritos? *Banbey*, respondeo, *os azas da alma em as ondas da vida*; e perguntando-lhe outra vez donde estavaõ essas ondas, que dizia, tornou a responder conforme a seu estylo, por parabola, dizendo: *Com quatro rios o Paraiso de Deos se fecunda, e rega, dos quaes podeis vós outros tirar as saudaveis aguas, que vos bey ensinado*, Santo Ambrosio no livro do Paraiso entende pelos quatro rios de Zoroastres as quatro virtudes Cardeais, Prudencia, Justiça, Fortaleza, Temperança. O Ganges, que illustra suas correntes, e ennobrece suas ribeiras com ramos de ouro, e fundos



e fundos de preciosas pedras, significa no sentimento de Santo Ambrosio em a Prudencia o valor do entendimento, e o esplendor d'alma. O Eufrates he claro symbolo da Justica; porque a este rio se attribue em numerosa producaõ de frutos a fecundidade, e abundancia, e assim mesmo he a Justica, porque della sahe para o humano commercio fecunda abundancia de seguridades, e abundante colheita de frutos; porque se olhamos à Distributiva, que mais util fertilidade para o adorno da Republica, que as flores dos premios, e espinhas do castigo? Se para à Commutativa, que consonancia mais agradavel, e proveitosa à Republica, que a observancia, e execucaõ dos contractos, e ultimas vontades dos homens? O Tigres, que he o mais veloz de todos os rios, symboliza a Fortaleza, a qual corre valorosa com admiravel constancia, imperiosa corrente, e vencedor ruido, derrubando os vicios, que se lhe oppoem, e submergindo os impedimentos, que a embarcaõ. O Nilo, que banha ao Egypto he corrente copia da detida Temperança, com a qual, o infentivo dos deleites, e vivo ardor das delicias, como submergido em crystal, se restringe, e se apaga, e do fecundo cabedal da propria, e utilissima Temperança se derramaõ por todo o Egypto d'alma as fecundas correntes nas outras virtudes. Isto mesmo com pouca differença trata Philo em allegorias da ley; donde diz, que Geon significa o peito, e corresponde ao Nilo, e se toma por simbolo da Fortaleza; e o Tigres, que banha os campos dos Assyrios, symboliza a Temperança em immoderados desejos, que saõ intractaveis, e rebeldes como ferozes Tigres; o Ganges no limpo, e puro das suas correntes denota a Prudencia na clareza do entendimento; e o Eufrates na fecundidade das suas aguas significa a Justica, porque della se deriva a abundante colheita da paz, que he a mais util fertilidade da Republica.

Esta he a divisaõ da nossa Obra, que se não parecer boa ao Leitor, póde este emendalla: os erros, que nella houver, será razaõ que os censure o Doucto, mas injustica, que os julgue o ignorante, a quem eu, com vos de Marcial, digo:

*Ista tamen mala sunt; quæ si manifesta negamus,  
Hæc mala sunt; sed tu non meliora facis.*

E em voz de D. Francisco de la Torre na traducçaõ de *Wem liv. unico Epigramma 15.* respondo.

Ve librilla al Palacio, defendido  
De dictames cuerdos, y instruido.  
Sufre en la variedad de la fortuna  
La fuerte ya agradable, ya importuna;  
Porque alli encontrarás con un amigo,  
Aqui hallarás quizá duro inimigo;  
Mas se alguno encontrares  
Demasiado, molesto, no repares:  
Dile, para eximirte de su zeño,  
Que me lo diga a mi, que soy tu dueño.





# INDICE

DAS LIÇOENS, QUE CONTEM AS QUATRO  
Palestras deste Livro.

## PALESTRA PRIMEIRA

- S**obre a virtude da Prudencia, *lição*  
*1. pag. 1.*  
Sobre o Conselho, *lic. 2. p. 4.*  
Sobre a Historia, e Lição dos li-  
vros, *lic. 3. p. 8.*  
Sobre a Obervação, *lic. 4. p. 15.*  
Sobre a Memoria, *lic. 5. p. 16.*  
Da Prudencia regnativa, e origem dos  
Reys, *lic. 6. p. 18.*  
Sobre o mesmo Assumpto, *lic. 7. p. 28.*  
Da Prudencia Civil, *lic. 8. p. 32.*  
Sobre a Prudencia Economica, *lic. 9.*  
*p. 37.*  
Sobre a eleição da Mulher com que se  
deve casar, *lic. 10. p. 38.*  
Do modo com que se deve haver a Mu-  
lher com o Marido, e o Marido com  
a Mulher, *lic. 11. p. 47.*  
Dos Filhos, e cuidado na sua criação,  
*lic. 12. p. 53.*  
Do amor dos Pays, *lic. 13. p. 60.*  
Da Obediencia, *lic. 14. p. 66.*  
Do estado dos Filhos, *lic. 15. p. 71.*  
Sobre a Amizade, *lic. 16. p. 77.*  
Da Eleição dos Amigos, *lic. 17. p. 83.*  
Da Benevolencia, *lic. 18. p. 91.*  
Da Beneficencia, *lic. 19. p. 96.*  
Do Agradecimento, *lic. 20. p. 104.*  
Da Ingratidão, *lic. 21. p. 111.*  
Da Concordia, *lic. 22. p. 115.*  
Do Segredo, *lic. 23. p. 122.*  
Dos Amigos dos Principes, *lic. 24. p. 128.*  
Dos Criados, *lic. 25. p. 134.*  
Da Fazenda, *lic. 26. p. 140.*  
Do Dinheiro, *lic. 27. p. 149.*  
Da Prudencia Monastica, *lic. 28. p. 157.*  
Da Imprudencia, e da Astucia, *lic. 29.*  
*p. 167.*

## PALESTRA SEGUNDA.

- Da Justiça, *lic. 1. p. 171.*  
Das Leys, *lic. 2. p. 181.*  
Do Costume, *lic. 3. p. 190.*  
Dos Officios publicos, *lic. 4. p. 193.*  
Da Patria, *lic. 5. p. 200.*  
Sobre a Limpeza do sangue, *lic. 6. p.*  
*210.*  
Da Fama, e bom Nome, *lic. 7. p. 215.*  
Da Nobreza, *lic. 8. p. 221.*  
Da Sciencia, e Sabedoria, *lic. 9. p. 231.*  
Do Engenho, *lic. 10. p. 244.*  
Da Eloquencia, *lic. 11. p. 248.*  
Da Boa Presença, *lic. 12. p. 255.*  
Da Verdade, *lic. 13. p. 260.*  
Da Fidelidade, *lic. 14. p. 266.*  
Do Interesse, *lic. 15. p. 274.*  
Da Diligencia, e Trabalho, *lic. 16. p.*  
*280.*  
Da Cortezia, e Affabilidade, *lic. 17. p.*  
*284.*  
Da Experiencia, Exercicio, e Indus-  
tria, *lic. 18. p. 288.*  
Do Exemplo, *lic. 19. p. 293.*  
Da Inteireza, e Rectidão, *lic. 20. p. 298.*  
Da Idade, *lic. 21. p. 305.*  
Da Authoridade, e Gravidade, *lic. 22.*  
*p. 312.*  
Da Eleição dos Ministros, *lic. 23. p. 316.*  
Da Eleição dos Bispos, *lic. 24. p. 324.*  
Do modo com que se deve haver no  
Governo, *lic. 25. p. 327.*

## PALESTRA TERCEIRA.

- Da Virtude da Fortaleza, *lic. 1. p. 334.*  
Da Ousadia, e Confiança, *lic. 2. p. 346.*  
Da Magnanimidade, *lic. 3. p. 352.*  
Sobre a Fortuna, *lic. 4. p. 361.*



INDICE.

- |  |  |
|--|--|
| <p>Sobre o Conhecimento proprio, <i>lic. 5. p. 372.</i><br/>                 Da Ambição, <i>lic. 6. p. 380.</i><br/>                 Sobre a mesma materia, <i>lic. 7. p. 388.</i><br/>                 Sobre os lisongeiros, <i>lic. 8. p. 392.</i><br/>                 Da Modestia, <i>lic. 9. p. 401.</i><br/>                 Sobre a soberba, <i>lic. 10. p. 405.</i><br/>                 Da Magnificencia, e seus extremos, <i>lic. 11. p. 418.</i><br/>                 Da Liberalidade, <i>lic. 12. p. 328.</i><br/>                 Da Avareza, <i>lic. 13. p. 437.</i><br/>                 Da Prodigalidade, <i>lic. 14. p. 455.</i><br/>                 Da Paciencia, <i>lic. 15. p. 458.</i></p> | <p>Da Paciencia das Injúrias, <i>lic. 16. p. 471.</i><br/>                 Do Sofrimento das Murmuraçoens <i>lic. 17. p. 475.</i><br/>                 Sobre a Vingança, <i>lic. 18. p. 481.</i><br/>                 Da Dissimulação, <i>lic. 19. p. 493.</i><br/>                 Sobre a Tolerancia, <i>lic. 20. p. 499.</i><br/>                 Da Constancia, Firmeza, e Perieverança, <i>lic. 21. p. 503.</i></p> |
|--|--|

PALESTRA QUARTA.

Sobre a Temperança, *lição unica pag. 505.*



PALESTRA TERCEIRA.

PALES-





# PALESTRA PRIMEIRA

L I Ç A M. I.

*Sobre a Virtude da Prudencia.*



Primeira mestra, q̄ nesta palestra, Moral, Politica, e Christã nos dá as primeiras liçoens, he a Virtude da Prudencia, que he huma virtude do entendimento, com a qual podemos acudir aos bens, e males, que pertencem á felicidade: he virtude, que dirige a regra da razaõ; tudo, o que se cuida, tudo o que se faz, e que não permite que se faça cousa, que não seja muito louvavel: he huma sciencia de todas as cousas boas, e más he huma regra das

cousas, que se devem desejar, e das que se devem fugir: he huma virtude perfeita, e verdadeira, pela qual nos conciliamos, julgamos, e mandamos aquellas cousas, que pertencem ao bom fim de toda a humana vida, e q̄ senaõ ajusta senaõ com os bons: he finalmente hũ habito virtuoso do entendimento para regular com acerto, e recta razaõ as acçoens humanas á cerca daquellas cousas, que são moralmente boas ou más.

Esta he aquella rainha das virtudes, que os homens devem trazer sempre diante dos olhos, como aconselha Joaõ de Ovem no livro 3. Epigrama 162. na maneira seguinte:

*Virtus in rebus prudentia semper agendis:*

*Una est virtutum ludi magistra trium.*

*Nempe bonum invita, quid sit prudentia monstrat:*

*Ut logice, verum quid sit in arte, docet.*

Que com admiravel agudeza referio D. Francisco de la Torre nos versos seguintes. A Para



Para obrar qualquiera coisa, coisa  
 Es siempre la prudencia provechosa,  
 Maestra luze bella,  
 Entre las tres virtudes sola ella.  
 Del modo que señala con acierto  
 La Logica en el arte lo que es cierto  
 En la vida con clara diferencia,  
 En seña lo que es bueno la prudencia.

Porque sem ella passará o valente a fraco, o forte a temerario, o rico a pobre, o sabio a necio, o virtuoso a vicioso, o liberal a prodigo, o justo a iniquo, o ditoso a desgraçado, o nobre a humilde, o Rey a vassallo, o poderoso a desvalido, o respeitado a desprezado, o amado a aborrecido; e com ella passará o aborrecido a ser amado, o desprezado a ser respeitado, o desvalido a poderoso, o vassallo a Rey, o humilde a nobre, o desgraçado a venturoso, o iniquo a justo, o prodigo a liberal, o vicioso a virtuoso, o necio a sabio, o pobre a rico, o temerario a forte o fraco a valente, e o luxurioso a honesto; por quanto he o sal de todas as virtudes, como lhe chamou *Origines tom. 2. homilia 5. in cap. 19. Genes.* com o qual devem temperar os Reys o governo de seus Reynos para que não seja nem dezabrido por aspero, nem pouco gostoso por remisso; os Ministros as suas judicaturas, para que não sejam aborrecidas por insolentes, nem amadas por brandas; os Pays de familias suas casas, para que não sejam tidos por demasiados nos gostos, nem por extremos na curteza delles. Esta he aquella virtude tão necessaria a todo o genero de pessoas, como a agua ao sequioso, o pão ao faminto, o vellido ao nú, a saude ao enfermo, a liberdade ao prezo, o vento ao navegante, a vista ao cego: esta he aquella virtude tão superior ás mais, como o Sol aos mais astros, o carbunculo ás mais pedras, o ouro aos mais metais, o Rey aos vassallos, o senhor ao servo: esta he finalmente aquella virtude, que tudo tempera, tudo governa, tudo mo-

difica, tudo rege, tudo abranda; tudo suaviza o rigor da justiça, que enfrea a intemperança, que prende a temeridade, que reprime a luxuria, que humilha a soberba, que destroe a avareza, que vence a ira, que derruba a inveja, que desbarata a preguiça, que triumphá de todos os vicios, porque.

Sin la prudencia inconstancia

La fortaleza será,  
 Es la templança tibieza,  
 I la justicia crueldad.

La fortaleza es columna;  
 Pero mas lo es la prudencia,  
 Que se la prudencia falta,  
 Se caé la fortaleza.

Com esta he o soldado vitorioso, o ministro amado; florece o povo inriquece-se o Reyno, e por isso escrevendo Apolonio ao Emperador Domiciano lhe disse que não menos devia de hermanar o poder com a prudencia, porque mutuamente necessitava de huma, e outra cousa, assim como a vista necessita de luz, e a luz da vista: *Potentia tibi est pariter, & prudentia opus est, alterum altero indeget, quem ad modum visus luce, & lux visu;* e por isso disse Aristoteles, que a Prudencia era propria virtude dos Principes: *Prudentia est propria virtus Principis,* e no livro 3. das suas *Politicis cap. 3.* dá a razão dizendo, que as mais virtudes commuas devem ser aos superiores, e subditos, mas que a Virtude da Prudencia he proprio patrimonio dos que governaõ: *Virtutum sola prudentia imperium obtinentis propria: nam ceterae necessario communes esse videntur imperantibus, cum his, quibus imperatur.*

Este nome *Rey* ainda que no seu riguroso, e apertado significado só, comprehende os Monarcas, que não reconhecem superiores; com tudo no seu largo significado *Rey* he todo aquelle, que rege, ou governa algum povo, alguma familia, ou alguma casa,



za, e porisso no *Capitulo Duo ista 35. causa 23. questione 4.* se chama Rey ao Bispo, que rege os seus subditos, ao Pobre, que governa a sua casa, ao Rico, que manda a sua familia, ao Marido, que governa sua mulher, ao Pay, que rege seus filhos, ao Juiz que rege seus subditos, ao Rey, que rege seus vassallos, ao Capitaõ, que rege seus soldados: *Cuique regenti apta, & accomodata est non solum Episcopo regenti plebem suam, sed etiam pauperi regenti domum suam, diviti regenti familiam suam, marito regenti conjugem suam, patri regenti prolem suam, judici regenti provintiam suam, regi regenti gentem suam;* e porisso debaixo do nome de Rey fallo nestas liçoens com os Prelados ecclesiasticos, e seculares, com os Pays de familias, e com todo o genero de Pessoas, porque todos saõ reys, ainda que não tenham a quem mandar mais que a si proprios, que reger; por quanto.

Guardarse del mal infiel,  
Sea del prudente el tema;  
Del fuerte ser fuerte en el;  
Porque aqueste no le tema,  
Y pueda evitarlo aquel.

Escrevendo Santo Agostinho aos seus Eremitas, lhe diz no Sermaõ da Prudencia que não só o silencio lhe he necessario no Ermo, mas que deste deve ser inseparavel companheira a Prudencia, porque esta ensina o quanto se deve buscar, e o quanto se deve fugir.

Todas as consideraçoes do homem prudente se reduzem a duas; convem a saber, se a cousa que emprende fazer he possivel, e se sendo-o convem, que se faça, porque muitas couças convem, mas não são possiveis, e outras são possiveis, mas não convem, que se fação, e para se resolver o primeiro ponto, he necessario valer-se o prudente dos principios do Possivel, e Impossivel, e para o segundo dos aforismos de conveniente, e inconveni-

ente, trazendo sempre na memoria aquella regra de Aristoteles, que ensina, que tudo aquillo he bom, cujo contrario he máo: *Bonum est, cujus contrarium est malum*, e assim deve o prudente antes de entrar em alguma acção considerar primeiro, se corresponde ao seu querer, o seu poder, e sendo igual o poder com o desejo, póde entrar sem receio, porque posto o fim, e os meios se segue o effeito; e está a cousa meia feita, quando he grande o desejo de a fazer, porque a vontade resoluta aviva o engenho, e porisso se diz, que nada he difficuloso ao que quer, e que aquillo, que póde fazer a Natureza, póde fazer a industria: porque a arte póde imitar a Natureza, e a Natureza não póde imitar a arte.

Verá tambem se aquillo que deseja, o fez já outrem, por quanto o que outrem já fez póde fazer outro, principalmente com ajuda, por quanto o que sem ella he difficuloso, com ella será facilissimo; e se achar, que outrem o não fez, deve abster-se da tal acção, porque a novidade no obrar sem exemplo, que ou afiance, ou disculpe, poderá ser justa, mas sempre avaliada por temeraria, e imprudente, pois sempre se avalia arriscado o caminho, que outros passos não abrião.

Tambem ponderará, se se póde fazer parte do que intenta, porque se aparte se póde fazer, se fará o todo, e se o demais se ha feito, se fará o menos, applicando os meios necessarios para o fim, que pertende porque intentar acção sem proporcionar os meios he querer fabricar edificio sobre montanhas de movidissa aréa, ou voar com azas de cera no rigor do Estio.

Para o segundo deve considerar, que aquillo he conveniente, que he natural, porque a Natureza he excelente legisladora, e as leis civis se fundão sobre as naturais, e que aquillo he conveniente, que he util à vida humana; porque cada hum está obrigado a conservalla, e muito mais se a cousa he



necessária, porque a necessidade he fobre a ley, e que aquillo he conviniente, que he louvavel, por quanto não se deve louvar senão o honesto; e que aquillo he conveniente, que he justo, porq̃ o util não se deve comprar com damno de outrem, e que aquillo não he conveniente, de que os inimigos se alegrão, e os amigos se intristecem; porque não pôde ser mau, o que deseja quem quer bem, nem bom, o que deseja quem quer mal: e ultimamente que o menor inconveniente será conveniente, quando senão pôde evitar ou hum, ou outro, porque em os casos extremos o menor mal tem razão de bem; razão por quanto são conformes os Juristas, e os Philosophos, que affirmão, que de dous males necessarios se hade eleger o menor.

## L I Ç A M II.

*Sobre o Conselho.*

**H**E a segunda parte da Prudencia o conselho: este he hum desejo de fazer as cousas conforme a razão, como diz Cicero, huma inquiziçam daquellas cousas sómente, que respeitaõ ao que se deve fazer, e ao que se deve obrar; he huma luz, que desterra as nevoas da ignorancia; he huma guia segura, que leva as acçoens ao fim pretendido; he hum norte fixo, que tudo guia ao porto seguro; he hum sinal evidente da virtude, de quem o toma; he huma demonstraçoõ certa da sciencia, de quem o procura; he hum companheiro fiel de todo o acerto; he finalmente hum inimigo capital dos erros: fracos, e limitados são os Juizos humanos, incertas suas evidencias; e por isso para se desviarem os homens de suas paixoens, devem primeiro recorrer a Deos *ex Tobia cap. 4.* fiando nada de sua prudencia; por quanto o que fia de si os acertos, he na opiniaõ de *Livio l. 1. Decada 5.* mais soberbo, que

sábio: em todas as cousas correm grande perigo, dizia o grande *Turco Mahamet. 2.* que se fiaõ do proprio discurso, e mui disposto está para errar quem não se rende ao parecer de outro, e a causa he, por quanto o altivo cuida, que tudo entende, e tanto julga desprezar sua reputaçoõ, quanto se fogeita a pergutar, sendo isto ao revés, por quãto em mais se estima hum bom juizo, e entendimento, quãdo conhecido por tal gosta de ouvir a razãõ alheã, como se lê *no cap. 13. dos Proverbios*; entre os louvores que se daõ ao emperador Adriano teve sempre entre os historiadores o primeiro lugar, o não emprender couza, sem q̃ primeiro precedesse maduro conselho, eo sofrimẽto, com quanto se sojeitava a ser reprehendido, e amestado. Nunca trouxeraõ arrependimẽto as acçoens, que o conselho governou, e dirigio *ex Ecclesiastico c. 34.* e sempre se experimẽta successo mui avêssõ ao que se deseja, quando se despreza *Santo Hilario l. 6. de Trinitate.* Daquella famosa derrota, que padeceraõ os Romanos em os campos de Canãs, teve a culpa Terencio Varraõ, q̃ por sua teima ja mais se quis render ao conselho do Consul Paulo Emilio, que o avizou huma, emuitas vezes não travasse com os inimigos, nem desse batalha ao valeroso Anibal de poder, a poder, porém elle o fez ao revés, e pagou a frõtoamente as insolencias de sua pertinacia *ex Plutarco in vita Anibalis.* Aliberdade do Reino, e a gloria da naçoõ Portugueza sepultou nos campos de Africa o nosso Rey D. Sebastiaõ, por não querer tomar conselho dos grãdes D. Luis de Ataide, e D. Joaõ de Menezes, que com ozelo da Patria, amor de vassallos, e experiência de tantos casos militares o quizeraõ disuadir de empreza taõ arriscada pella desigualdade do poder, e pela difficuldade do socorro custando áquelle air segunda vez ao governo da India, e a este perder em huma junta de Medicos a opiniaõ do valor, com que havia sido assombro da

Azia.



Azia. Assim como nem todas as arvores dão fruto, porquãto humas são fertis, outras esteriles, assim nem todos servem para se tomar delles o conselho, mas de mil quando muito hum, como se lê no *Ecclesiastico cap. 6.* e estes necessitaõ de muitos requizitos, que apontaremos brevemente.

Em primeiro lugar se graduaõ os velhos, porque os annos largos são grã-

*Consilio utilius, quam viribus arma reguntur.*

*Militibus est robur, consiliumque Ducis.*

E porisso diz Cicero no livro de Seneca, que as cousas grandes mais as fazia o conselho, e autoridade, do que as forças, e celeridade dos corpos. Os Lacedemonios não admittiaõ ao seu conselho homens menos de sessenta annos. Pergütou Ptolomeu Rey do Egipto a hum dos Setenta Sabios, que trouxe de Judéa para trasladar os livros sagrados; que conselheiros lhe seriam bons, ao que lhe respondeo, que aquelles, que fossem verídicos, e exercitados em muitas cousas, e semelhantes nos costumes ao dito Rey; mas isto se deve entender nos velhos de prudencia, e madureza em seus conselhos: porque se forem disbaratados, e livianos, não merecem nenhuma reverencia as suas brãcas *ex Sapientia cap. 4.* porque como ensina *São Gregorio lib. 19. Moral cap. 13.* aquelles se chamaõ moços, que não florecem com a gravidade do conselho; e velhos aquelles, q não só resplandecem em a quantidade dos annos, mas em a gravidade dos costumes; velhos eram os Juizes de Babilonia, mas sem razam, nem juizo: poucos annos tinha o famoso D. Henrique de Menezes governador da India, e muitos o capitaõ a quem mandou dizer que não quizesse q trinta annos fossem emendar sessenta.

*Autorem feriunt tela retorta suum,*

*invidiosa ferunt, responsaque dura reportant*

A experiencia, e uso he requizito

des mestres da vida *ex Ecclesiastico c. 78.* e bem o entendia El Rey Agameno, de quem se escreve, que dizia estando sobre Troya, que mais queria des velhos, como Nestor, que outros tantos mancebos como Ayas, e Aquilles, por quanto desta maneira teria mais certa confiança de tomar mais cedo Troya por muito, que se defendese;

A idade se segue por segundo requizito o serem os velhos, que se devem graduar conselheiros, exemplares; porque a sciencia não entra em pessoa de vida depravada *ex sapientia cap. 1.* mais discreto parecia o velho Achitofel: porém a sua prudencia não era de Deos, senão mui preversa, e mundana, e como tal deu com elle em huma forza, e com Absalam, que o ouvia, em outra; e advirtam, e olhem bem, o que a conselhaõ, porque lhe não succeda levar as costas seus mãos conselhos, como aconteceu a Maxencio, que a conselhou que se armasse huma ponte falsa sobre o Tibre para deitar ao fundo ao Imperador Constantino, e seu exercito, e quando mais seguro se imaginava, cahio elle, e todos os seus; a Perilo que foi abrazado no touro de bronze, que inventou, e aconselhou para atormentar a outros; a Diomedes; a quem comeraõ os cavallos, que ensinou a desgarrar carnes, a Ruzimunda Rainha, q morreo com o veneno, que tinha inventado para dar morte a El Rey seu marido, aos Sibaritas, que perderaõ em a peleja os cavallos, que tinhaõ ensinado a dançar, a Holofernes, que no cabelo, que criou para seu ornato, achou Judit prizaõ para o degolar:

mui necessario nos conselheiros; porque



que he a experiêcia hum conhecimen-  
to das cousas particulares, e huma arte  
das uniuersais, como diz *Aristoteles*  
*lib. 1. methaph.* e mestra de todas, co-  
mo lhe chamou *Tacito lib. 15. annalium*,  
que enfina muitas, que não alcan-  
çaraõ os sábios razam porque sendo  
Tacito perguntado, que cousa havia  
mais sabia, respõdeo que a experiencia,  
como conta *Stobeo sermonum 27.* e se lê  
no *Capitulo 34. do Ecclesiastico*, que co-  
nhece pouco, quem não experimen-  
tou muito. Hum dos grandes abusos,  
q̄ costuma haver, he andarem as cousas  
em achaque de concerto, ou mãos de  
quem as turba, e com capa de que he  
hum prudente, e religioso cometerlhe  
negocios, que não vio nem estudou,  
nem saõ da sua profissam, o que he con-  
tra todo o bom governo, e prudencia,  
como diz o Espirito Santo *Ecclesia. cap.*  
*17.* avifando, que cada hum trate seu  
nêgocio com o mestre daquella arte, em  
que procura conselho, porque não  
julga bem de artes, quem as ignora, co-  
mo refere *São Cipriano Sermones de*  
*Nativitate Domini*, e por isso Cicero  
diz que cada hum trate da arte que  
sabe. E entrou huma vez Annibal Capi-  
taõ valorosissimo em casa do Philoso-  
pho, o qual vendo tam bom ouvinte,  
com mais fantasia da que devia, come-  
çou a tratar do officio que faz hum Ca-

pitaõ general em aguerra: e o assento  
de hum campo, e governo de hum  
exercito, do fugir, e accometer o  
inimigo, e sendo depois perguntado,  
o que lhe havia parecido respondeo,  
que hum grande louco, pois fallava  
do que não sabia. Costumava Apel-  
les pôr em publico suas pinturas á cen-  
sura de todos, os que passavam, e entre  
os que passaraõ foi hum çapateiro, o  
qual como exercitado em seu officio,  
notou as faltas, que tinhaõ as chinelas,  
e ouvindo-o Apelles, emendou o erro;  
pelo que disse Lampridio na vida de  
Alexandre Severo, que quando se tra-  
tar de direito, se consultem os jurisperi-  
tos, e quando das armas, os soldados  
veteranos, porque da mesma manei-  
ra, que causará rizo travar praticas de  
armas com mulheres, dos livros com  
soldados, das cousas necessarias para  
humas casas com Doutores, da arte  
maritima com quem nunca expos a vi-  
da aos perigos do mar; assim tambem  
causará justo rizo, e parece discon-  
certo, pedir conselho a quem nunca  
exercitou a materia de que se falla, e fi-  
ar materias graves de gente, cuja pro-  
fissam he muy contraria; porque con-  
forme as leis de boa republica cada hũ  
vale nella conforme o que ha aprendi-  
do *Nazianceno epistola 63. & Horatio*  
*epistola 1.*

*Quod medicum est*

*Promittunt medici, tractantque fabrilia fabri.*

He o quarto requisito muy preci-  
so nos conselheiros, que os mesmos se-  
jam pessoas desentereçadas, na mate-  
ria em que se lhe pede: *Ex Eccles. c. 3.*  
*& 6.* porque os que saõ interessados,  
não tem olhos para ver a verdade: *Ex*  
*1. ad thimoteum*, e que sejam muy fieis  
*ex Seneca ad lucill. epist. 89.* e sendo em  
materias commuas devem ser naturais,  
e não estrangeiros pela suspeita, que  
nelles pode haver *ex Ecclesiastico. c. 8.*  
Em os conselhos muito póde a autori-  
dade. Em conclusaõ cada hum se fa-

ça muito amigo de buscar conselho  
alheio arrimando-se mais a elle do que  
ao seu: pois esta he a chave dos bons  
acertos para topar com a verdade, que  
he Deos, e será seu nome não só ad-  
miravel, mas de conselho, como diz  
*Ezaías c. 9.* e para o tomar escolha ho-  
mem sifudo pelo juizo, que tem, ho-  
mem sabio pelo muito que ha lido,  
homem sofrido pelo que ha passado,  
homem sem paxaõ, porque o não segue  
a cobiça, homem sem interesse, porque  
a ambiçaõ o não a rastre, homem, a  
quem



quem o amor lhe não faça dizer o que havia calar, nem odio, que lhe tape a bocca para o que devia dizer.

Tomado o Conselho se deve executar com brevidade como ensina *Demosthenes sermone ad Demonicum* porque inutil he o conselho, aonde falta a fortaleza da execuçaõ, e que carece della até a perfeiçaõ da obra como diz *São Gregorio lib. 2. Moralium cap. 11.* porque a tardança em negocios arduos poem cada hora novos empedimentos, e quanto mais se suspendem as mãos, mais se perde da boa occasiãõ, que em todas as cousas val muito, como diz: *Hesiodo lib. 2.* e a

prova disto se vê mais claramente em a guerra donde hum breve entervallo ha tirado a muitos honra, vida, e victoria de que naceo dizer *Vegetio dere militari lib. 26.* que mais ajuda a vencer a occasiãõ, que o valor, disto nos foi claro exemplo Annibal em aquella famosa vitoria de Canás, que tantas fez a Roma: pois por não executar com presteza a victoria nem seguir ao inimigo como a razaõ o pe-dia, não asollou Roma, nem acabou de huma vez a guerra, pelo que diz *Plutarcho in vita Fabii maximi*, que Annibal sabia vencer, mas não usar da victoria: *Ovem lib. 2. epig. 106.*

*Annibal in paucas fortunam distulit horas,  
Non bene Romanas præmeditatus opes.  
Vincere cum sciret, fortuna nesciit uti  
Pœnus homo, quamvis Afer, eoque vaser.  
Heu, quantum Annibali nocuit differre paratos  
Servata est minima maxima Roma mora.*

E sendo bom o principio não se deve julgar Por máo *ex Eccles. cap. 55.*

pelo successo não corresponder ao desejo.

*Exitus acta probant careat successibus apto  
Quisquis ab eventu facta notanda putet.*

Em novos successos se devem tomar novos conselhos: *Ex Arist. Ethicor. cap. 9. Seneca lib. 4. de beneficiis cap. 34.* porque continuarem o começado depois de se descobrirem novas razoens, que o encontraõ, não he de sabios, mas de barbaros, como diz *Arist.* não perde reputaçãõ, quem não continua nas emprezas, por novos inconvenientes, que descobre, de que he maravilhoso exemplo o Marquez de Pescara, quando com o campo imperial entrou por França até por cerco a Marselha, donde vendo que senão podia fazer effeito algum, a pezar do general Borbon levantou seu campo, e se volveo a Italia, e nesta celebre retirada tão fóra esteve de perder reputaçãõ, que sendo muitas as façanhas, que havia obrado, esta se avaliou, pe-

los que sabem da guerra, pela maior de todas chamando-lhe os Italianos a *bella retirada.*

A necessidade costuma muitas vezes desbaratar os conselhos, e neste caso será grande prudencia acomodar-se com ella: *Ex Quintiliano libr. 3. cap. 8.* Rendido Mathathias pay dos Machabéos da necessidade, vendo que muitos Judéos haviam sido mortos injustamente, só por senão quererem defender ao sabbado dos capitaes del Rey Antiocho, que lhe fazia guerra, disse aos seus: não me parece, amigos meus, fazer, o que nossos irmaõs; porque a este passo em poucos dias não deixaram os contrarios homem vivo da nossa naçãõ; em tempo de tanta necessidade não presumio o bom sacerdote, se fazia contra a festa defendendo



dendo as vidas, que guardavam para serviço do autor, que ordenou a festa, assim o entendeo tambem David, quando constringido da fome tomou os paens consagrados ao senhor para si, e sua gente, o que aprovou o Redemptor do mundo fallando sobre esta materia com os Phariseos, que ao sabbado nam permittia que se fizesse cousa por boa que fosse, ainda que apertasse a necessidade, aos quais disse, como diz *San Marcos cap. 2.* nunca lestes, o que fez David, quando teve necessidade, e os seus; e porisso diz: *Aristoteles 6. Ethicorum cap. 2.* que ninguem deve tomar conselho sobre aquellas cousas, que de outra maneira senão podem fazer: mais valente que a natureza humana lhe chama *Quinto curso lib. 3.* melhor conselheira, que o Doutor mais sabio *Xenophonte in Pedeo Ciri lib. 2.* ultima e maior lança *Livio lib. 4. Decad. 1.* mostra nos casos desesperados, e medicina de si mesma *San Pedro Chrisologo sermone 35.* & *Seneca no lib. de Providencia* diz: que pouco a pouco sam obras da virtude, as que começou a necessidade *Plutarco lib. 1. de Placit.* diz, que he huma mesma cousa a morte, que a necessidade, porque assim como esta derruba, quanto se lhe poem diante, assim não deixa couza em pé, de quantas topa o cutello da necessidade.

Importante cousa he ouvir a todos, e fazer o melhor, porém convem que a execução do conselho senão cometta áquelle, que foi do contrario voto, porque para fazer melhor seu partido sempre fará, que a execução nam tenha o effeito pretendido. Deve-se ter por sospeitoso o conselho, que se conforma com o gosto, de quem o pede, e absterse da execução d'elle para que senão tenha por nescio, quem o pressegue, ou por inconstante por não proseguir o começado. Nem he conveniente fer cada hum muy pago do seu parecer, porque pelo não disgoftar fugiram de lho dar,

O conselho deve-se tomar conforme o tempo, e se for possivel conforme a hora, como aconselha *Seneca: Consilium sub die sumendū est, & si potest dici sub manu,* e por conclusam desta lição te advertimos, que não deixes da memoria aquelle tam celebrado dictame de *Seneca*, que ensina, que se hade cuidar por muito tempo, e por muitas vezes, o que se hade executar huma vez só: *Dileberandum est diu, quod statuendum est semel,* porque o que pertende vencer, hade aparelhar a guerra muito de antes, como ensina o mesmo *Seneca. Diu parandum est bellum, ut celerius vincas,* por quanto no Juizo de *Tito Livio* depois de se travar a batalha com difficuldade se concerta o campo: *difficile est post inceptam pugnam aciem instruere.*

### L I Ç A M III.

*Sobre a Historia, e liçam dos Livros.*

O Conselho, ou se toma dos vivos, ou se procura dos mortos, na lição dos livros, e das historias passadas, que são mestras da vida, luzes da verdade, presidentes da memoria, embaixadoras da Eternidade, cujos conselhos são tanto mais seguros, quanto mais diffidos dos affectos, e respeitos humanos, porque he a historia, e lição dos livros hum testemunho dos tempos, huma luz da verdade, huma vida da memoria, huma mestra da vida, huma mensageira da antiguidade, como lhe chamou *Cicero lib. 1. de Oratore*, thesouro real, como lhe chamou *Nasianzeno*, huma sabedoria amontoada, como lhe chamou *Plinio*, hum norte fixo donde tomam os rumos para navegarem as duvidosas ondas do mar do governo, huma escola, aonde se ensinao não sómente os casos seguidos, e miudas relaçoens dos ditos, e feitos, mas tambem as razoens, e discursos, com que se obravao, huma lição gostosa



tofa pela variedade, e necessaria pelo proveito, pois com ella se compoem as accoens do prudente, para que saiam com luzimento, huma occupação digna de hum principe perfeito, que ha mister arte, para usar do poder, para que a grandeza nem o afflija, nem o fatigue, e para isto he arte forçosa conhecer muitas coufas. Em os livros aprendeo ElRey de Napoles as armas, e o direito das armas a Servio Tulio: quando o viraõ destinado ao imperio, de tudo lhe ensinaraõ muito, mas muito mais da historia. Vaõ os passos dos Principes pisando tenebras, e confusoens, e para caminhar por veredas incertas, e escuras, ham de mister esta tocha. Como caminharia o Imperador Licinio, que nem formar sabia; e como Michael Balbo, que naõ estudou, nem permittio, que ninguem estudasse. Moyfes, para governar o maior povo, que se ha visto, soube, quanto se poderia saber em as letras dos Egypcios, e conseguiu depois libertar o povo do mifero captiveiro: por naõ conhecer Josué o trato dos moradores da terra, o enganaraõ os Gabaonitas, naõ conheceo o erro, se naõ quando o naõ pode emendar. Os Reys da Persia de ordinario liaõ os annais, e conheciaõ os disgnios da gente, que haviaõ chamar a sua caza. Affuero achou nelles a lealdade de Mardoqueo, que premiou, ea tirannia de Aman, que castigou. Demetrio Phalero fez celebre a Ptolomeu Philadelfo obrigando-o, a q leffe varias historias. Perguntou o Philosopho Lenon a certo Oraculo, de que maneira comporia a ordem de sua vida, e a moldaria á virtude conforme as obrigaçoens de seu estado, para que passando-a sempre em justiça, parecesse bem naõ só aos homens, mas aos Deoses immortais? A esta pergunta taõ sustancial respondeo o ditto oraculo, segundo refere Laercio na vida do mesmo Lenon, que tratando com os mortos, e vistindo-se da

sua cõr conseguiria o effeito, que desejava, e considerando que havia ditto, achou este Philosopho, que lhe avisava communicasse com os livros, o que tomou com tantas veras, que sahio hum dos varoens mais nomeados de toda a Grecia. Reconpenfa o fructo da historia a falta da experiencia, os seculos, que se naõ pòdem com a vida alcançar, se vêm em quatro mãos de papel, procure-se imitar-se o que nelles agrada, e fugir-se ó danoso. He taõ importante a lição da historia, que trãs em as mãos a saude da Republica; e he clara a razaõ; porque importará muitas vezes tomar as leys de outras, e outras tantas fugir dellas para seu maior augmento, e prosperidade.

A sabedoria em o Principe o fará respeitado, e temido, e felice ao seu Reyno, como succedeo a Salamaõ: naõ ha de saber para saber, senaõ saber, para governar; as subtilezas saõ boas para as escolas, aonde as sciencias resplandecem, naõ para o Principe, que serà pessima occupação: assim o experimentou Salamaõ, e o escreveo. Em a que o fizer mais habil, para penetrar os costumes, e engenhos dos vassallos, se ha de empregar com ansia, e esta he a historia, em ella se vêm as experiencias dos governos passados, e se toma temperamento para os presentes; das sciencias, que eraõ nocivas aos Principes, separou a historia Aristoteles, e o experimentou Espanha em ElRey D. Affonso o sabio: penetrou este Principe os orbes celestiaes, e reduzio-os á obediência de suas taboas, e naõ penetrou os animos de seus vassallos, que lhe negaraõ a obediencia. De letras, e armas fabricaraõ sua fortuna O Cesar de Roma, e o de Aragoã D. Jaime; pelejavaõ de dia, e denoite estudavaõ, escrevendo sua historia; com as armas adquiriraõ, o que com as letras conservaraõ, e de humas, e outras se coroou o Cesar. Todos os Principes feraõ, como estes, se se derem á historia, como estes. Quem



tem diante dos olhos o passado, raras vezes se engana em o futuro, porque o que ha sido, e o que foi, he o que he, e o que ha de ser *Aristoteles lib. 2. Rhetor. cap. 20*: porque não ha cousa de novo debaixo do Sol: *Ex Eccles. vers. 10*. As novidades, e mudanças dos nossos tempos se acharão, se se buscarem as historias antigas, não só em as sagradas, que com tão superior impulso se escreverão, senão tambem em as profanas. Propheta chamou São Paulo a Epimendes Philolopho gentil, porque, escrevendo a historia da ilha de Creta, deixou estampados nella os vícios dos que haviaõ de nascer com tal acerto, e pulso, que os vio, e experimentou São Paulo muitos annos depois.

Em as historias acharám os poli-

*Historias versando peritus, id absque periculo*

*Quod docti damnis experiuntur habes.*

*Nec tam multa gravis rerum experientia longo*

*Tempore, quam parvo te docet historia.*

Que traduzio D. Francisco de la Torre e addicionou na maneira seguinte

Historias perito trata,

Con que, sin peligro, logras  
Todo el saber, que al experto  
Sus propios daños le informan.

La grave anciana experiencia

No te enseñan tantas cosas,  
En edad prolixa, como  
En breve tiempo la historia

Bien á la experiencia fia

Sus acuerdos la prudencia.  
Pero yo com la experiencia  
Solo vivo la edad mia;

Porque por la historia bella

Si á escarmentos me apercibo,  
Vivo mas que yo, pues vivo  
Por todos los figlos della.

Naõ só aos politicos são necessarias, as historias, mas aos militares, a quem virão muitas occasioens ás mãos, em que lhe feraõ de muita ajuda, como se

ricos exemplos, e documentos utilissimos para o governo de sua vida, conforme a seus estados: e os Ministros, aprenderão a fugir aos perigos, em que deraõ de olhos os passados, e abraçar os meios mais seguros de seus acrelcentamentos; e apartarse dos caminhos, em que outros se perderão, e seguir as pisadas de outros, que governaraõ melhor; pois os costumes, e disgnios, com que porcederaõ os antigos nos daõ regras certas, e pronosticos verdadeiros dos successos presentes, e futuros; antidoto saudavel para conservar os ministros em seus lugares preservados dos accidentes maliciosos, e agudos de outros: *Aristoteles Meteoricorum cap. 55*. como bem ponderou *Ovem lib. 2. Epig. 144*.

vio em Lucullo de quem conta *Cicero in Lucullo*, que com a lição dellas aprendeo tanto da arte militar, não havendo-se achado ja mais em ella que feito Capitaõ general da Azia a poucos dias, que a professou, se fez hum dos maiores capitaes de seu tempo. A Caffiz, aquem Alexandre julgou digno de hum Reyno pela lição, que tinha dellas; ao mesmo Alexandre com as liçoens dos famosos feitos de Achilles; ao maior Africano com as das façanhas de Ciro; a Solimaõ com as das emprezas de Cesar, a Ambrozio Espinola com os Comentarios de Tacito; ao Marquês de Histona com a historia de Annibal, a Carlos Quinto com as do grande Carlos Magno: nas historias se acharão muitos estratagemas, discripçoens de Provincias, passos, e pontes dos rios; oraçoens feitas por famosos capitaens, para animar os soldados, ou socegar os motins.

Tudo isto se acha mais copiosa, e ver-



verdadeiramente na Escriptura sagrada, a quem chama São Gregorio minas de prata, donde, como em hum fertil campo, segundo Cassiano: *Coll. 8. cap. 3.* se acharão quantos generos de flores se appetecerem; se quizer ditos agudos, sentenças graves, ardis de guerra, conselhos de paz, façanhas famosas, homens sabios, victorias insignes, casos memoraveis e ainda espantosos, lêa a sagrada historia, e verá tudo tão avantajado, que quando pensar, que ha topado com o melhor, lhe offerecerão logo humas, e outras couças, que o farão esquecer das primeiras, porque he hum thesouro, como lhe chama São João Chrysostomo, huma botica, como lhe chama Origenes, donde ha medicina de todas as ervas, plantas, pedras, aves, animais para curar qualquer enfermo; quem pois se achar com desejo de se fazer hum capitão de fama, lêa as Escripturas, e nellas achará os tres primeiros dos nove da fama, hum David, hum Josue, e hum Judas Machabéo; quem se achar com avontade de fazer hum bom governo, lêa as Escripturas, que nellas achará as peliticas de David, e seu filho Salmaão; quem se achar com necessidade de temperança, lêa a historia do Santo Joseph; quem com necessidade de paciencia, lêa a do paciente Job; quem se vê arder em iras, e rancores contra seus inimigos, lêa amagnanimidade de David, quem se vê cheyo de pesares proprios, e alheios, lêa a mansidão de Moyses; quem com fé pouco fervorosa, lêa a de hum Abrahão; e quem finalmente necessitar de huma obediencia humilde, e esperança forte, busque-a em Esaù, e Jacob. Na lição dos sagrados livros acharão sua conversão o criado de Candace Rainha de Ethiopia, Santa Eugenia, Santa Domna, e o glorioso Santo Agostinho, e outros muitos, que fora impossivel reduzir a numero, que sem outros mestres sahiraõ com esta li-

ção jubilados na melhor sciencia. Em tempo de Leão Undecimo foi dar a Biblia sagrada na mão de hum Persiano dos falsos religiosos de Mafoma, lêo-a a primeira ves, e pareceo-lhe historiagostosa: lêo-a segunda, e pareceo-lhe, que Christo Senhor nosso era mais Santo que o seu Mafoma: lêo-a terceira, e crêo que só a religião catholica era verdadeira.

Em segundo lugar se devem lêr os livros Espirituaes, chronicas dos Religiosos, e livros, que contiverem boa, e santa doutrina; lição tanto mais util, e necessaria, que a das historias humanas, quanta he a diferença dos interesses temporaes aos Eternos, do corpo mortal á alma immortal, e nellas achará tudo. De Henrique 8. se escreve; que pertendeo trazer a seu erro a certos religiosos da Cartuxa, e vendo, que se lhe defendiaõ fortemente, sem embargo das muitas molestias, que lhes fazia, mandou que lhes tirassem todos os livros de boa, e Santa doutrina, parecendo-lhe, que privados destes espirituais arnezes, facilmente os poderia reduzir a sua falsidade, e engano: porém puderaõ dizer, o que disse Cassio Severo, que sabendo, havia mandado o Senado, que se lhe queimassem todos os seus livros, e que se havia feito assim, respondeo com particular donaire: agora me poderaõ queimar a mim, que os tenho todos na memoria. O mesmo passou no caso, que referimos, porque se lhes tiráraõ os livros, não lhes tiráraõ, o que haviaõ lido: traziaõ em seu peito, o que sabiaõ, tinhaõ em seu coração o thesouro, que haviaõ adquirido com o estudo, e assim em aquella geral, e lamentavel perdição do Reyno peléjaraõ valorosamente contra o Apóstata. Do renegado Juliano Emperador de constantinopla se escreve, que mandou queimar todos os livros sagrados, e de boa doutrina, entendendo, que sem tirar estas invenciveis armas da religião catholica Romana,



mana, não podia conseguir seu dano do fim.

A lição da philosophia moral he muy util a todos; porque he a que compõem a harmonia do governo, quem a souber, saberá castigar máos, e premiar aos bons; fazer justiça, tratar dos costumes, prover a terra, dar o que he seu, a quem toca, plantar as virtudes, arrancar os vicios, reformar os costumes, melhorar, a vida; dando-se ao estudo desta faculdade disporá tudo facilmente porque não ha cousa por alta, que seja, que não avassalle cultivado o entendimento: entrará em o estudo da morte, cuja meditação, he a escola da mais alta philosophia; a memoria do fim he a que mais nos exorta, e move ao caminho da vida sem fim; nesta lição se deve empregar o principe com mayor cuidado, porque deve ser mais excellente, que todos; porque a elle olhão todos, e qual for o Rey, tal será agrey: ameação perigos sempre os Eclipses do Sol; depravar-se o principe, induz mayores perigos, porque perdendo a luz, ficão os vassallos ás escuras; senão for justo, não haverá justiça, senão tiver igualdade, não a terá o povo, e em faltando a igualdade, e justiça faltará o Reyno. A esfera tem hum centro, donde procedem as linhas iguais até a circumferencia: do cetro do principe haõde sahir as linhas iguais aos seus vassallos, e assim será seu o governo do principe; chamo iguais como as proporçoens, que os movimentos podem, guardando a esfera, em que se acha cada hum; se algum sahir soberbo, e vão, com fantasia neicia de assolar tudo, cortar-lhe os brios, como fez El Rey D. Ramiro o Monge, com aquella campana, que tanto souo em Aragam, e em todo o orbe. Estava sem pay a republica de Grecia, porque atiranzavaõ poderosos, enviaraõ a Tibullo que consultáse com o philosopho Periando, o que haviaõ fazer para castigar insolentes,

e ficar em paz, entrou o philosopho em huma seara colmada de douradas espigas, e foi cortando todas, as que sobre-sahiam, e lhe disse: isto que has visto, darás por resposta. De ordinario as espigas, que mais se levantaõ na seara de trigo, saõ de senteyo, e os q pertedem ser mais altos em as republicas, saõ os mais baixos em os merecimentos, e valimento; tudo deve compôr o principe, para que não se percaõ, e não se perca. A ambição he tromento de si mesma, e cutello da republica. O dominio nasceo do peccado, e porisso deve ser taõ perigoso; se Adam não peccara, não houvera Reys, nem superiores; ordenou o Senhor, que hum governasse, para que não houvesse contenda entre os outros. Quiz Adam ser mais superior, do que era, e todos os superiores, querem ser, como Adam. Nasceo com nós outros este ambicioso desejo, e para enfrear-lhe os brios, se entrega o dominio a hum, e deste nasceo repartir-se em republicas o mundo com Reys, que as governacem; elegiaõ os mais virtuosos, e mais sabios; os que por natureza o saõ, devem ser como aquelles; o nascer principe he dita, porém se o não acompanha a virtude, e sciencia, he fatalidade, não está o Reyno de Deos em palavras, senão em virtudes, diz São Paulo; não ha difficuldade, que não penetre a philosophia moral, não ha virtude, que não configua, não ha empenho, que a embarace, nem acerto, que não alcance. A esta lição, e a das letras sagradas se deu felizmente o nosso primeiro Rey D. Affonso o conquistador, e delle aprendeo com felicidade, e conseguiu com admiracão o ser hum dos mais valorosos Reys do mundo e hum dos mais virtuosos monarcas, que celebra a fama.

Depois das historias sagradas, espirituaes, e moraes se deve applicar á lição das historias antigas, mestres mudos,



mudos, que ensinaõ com exemplos documentos uteis para o governo, como diz *Tito Livio lib. 1.* e com as ruinas de outro tempo fugir a inconvenientes, e abraçar os meynos seguros para o presente, mayormente em as historias dos Reys amigos, ou inimigos, porque alem de tirar o mesmo proveito, que pode tirar das mais, he necessario para saber suas inclinaçoens, poder, e eeffeitos; e sobre todas as historias as do Reyno, nas quais achará não só o principe, mas o vassallo tudo, quanto pôde desejar ver nas outras, porque tudo, o que fizeram, e obraram os mais valorosos, e virtuosos Reys do mundo, achará o principe com conhecidas ventajens felicemente obrado pelos gloriosissimos deste Reyno seus esclarecidos ascendentes; e quanto obraraõ os capitães, que a fama mais encarece, acharaõ os vassallos deste Reyno exe-

cutado com notorios excessos, por seus maiores, a quem, por ser pequeno teathro as tres partes do mundo, passaraõ a descobrir a quarta. Bem conhecia o nosso felicissimo Rey D. Manoel, o quanto era necessaria ao principe a liçaõ dos livros, e historias, pois obrigava ao principe D. Joaõ seu filho, e depois piedosissimo Rey, a ler historias em horas destinadas em cada dia.

He muito para se advertir, que assim como he louvavel a liçaõ dos livros bons, he reprehensivel, e pernicioza a liçaõ dos livros maõs, pelo que vai pouco em ler muitos livros, mas vai muito em ler bons livros, ainda que poucos: *Non refert quam multos, sed quam bonos libros legas*, disse Seneca, com elle concorda o agudo, e sentencioso discurso de *Ovem no epigrama 4.*

*Inficiti obscæni puerorum carminis aures  
Fabula dum vatam quæritur ipse nitor.*

Os quais versos comentou D. Francisco de la Torre na seguinte copla;

Fabula obsena inficiona

Del Joven la oreja incauta  
Mientras en el verso busca  
La pureza, que no halla!

E porque o veneno entra sempre com o rebuço da doçura, por tanto advertidamente nos aconselha *São Isidoro lib. 3. de Summo bono*; que nos livros fenaõ ham de amar as palavras, mas a verdade, porque muitas vezes se acham nos livros entre as graças, e agudezas, palavras torpes, e dictames que encontram os bons costumes; e enfeitada a mentira com as cores de seus dannosos discursos levaõ tras si os olhos enganados com estas cores; razam porque os comparou Lactancio as mulheres ruins, que pergoaõ fermosura fingida estan-

do dentro cheyas de mil enfermidades, com a qual levaõ tras si a mocidade. Por evitar este inconveniente diz *São Prospero no liv. 3. do desprezo da vida cap. 6.* que não era licito em a ley velha a gente moça ler os livros do Genisis, e dos Cantares, só por lhe tirar dos ouvidos, o q com sua liçaõ, ainda que sagrada, lhe podia trazer torpeço. Foi Tulio taõ zeloso deste ponto, que por ver em Escoito Epitureo em o livro de Summo bono, algumas cousas tocantes aos deleites lhe pareceo se devia queimar; e por esta causa desterraraõ os Mececinos aos discipulos deste philosopho da sua republica.

Conta *Valerio Maximo lib. 1. cap. 1.* que achando huns trabalhadores duas arcas huma com sete livros latinos, e outra com sete gregos mandou o governador, que se queimacem os gregos por conterem doutrina contraria



traria a que se usava em Roma, que os latinos se guardassem, por haver nelles cousas tocantes á religião, que professavaõ. Muy louvado foi o Emperador Augusto Cesar, porque mandou desterrar ao famoço poeta Ovidio, quando compôs os tres livros da arte de amar. São Gregorio reprehendeo ao Bispo Desiderio, porque deixava ensinar nas escolas aos meninos as fabulas, e mentiras dos poetas: quantos mancebos, e donzellas ha, como Anjos, a quem nunca chegou o ar corrupto da torpeza, que lendo hum livro se lhe alvoroça a faudade da alma: estavaõ, como os primeiros pays, no estado da innocencia, e em comendo do manjar vedado, os que não ousavaõ fallar todas as vezes, nem ainda cousas boas pelo respeito, e vergonha, que tinhaõ, em breve tempo se desenvolvem com o que haõ tirado de hum livro máo. Que póde aprender em tais escolas hum menino, ( diz Santo Agostinho ) senão os estupros de Jupiter, as torpezas de Venus, os enlayos de Apollo, os ciumes de Juno, os en-

ganos de Marte; em isto devem pôr grande cuidado os pays, e os mestres, porque em a liçam dos livros bons, e solidos, consiste a boa criação dos filhos, e discipulos, pois os erros concebidos em a mocidade são difficultosos de borrar depois, e quando succeda, que se leam estes livros, aprendam os leitores das abelhas, que nem de todas as plantas, flores, e ervas, em que se allentam, tiraõ mel.

Os livros não se haõ de ler por comprimento ou apressadamente, senão com pausa, como se come o manjar, para que faça proveito. Não se haõ de ler os livros, para se saber, que cousa seja a virtude, mas para com a liçam delles cada hum se fazer virtuoso, como ensina o Principe dos philosophos: *non ut sciamus, quid sit virtus? perscrutemur, sed ut boni efficiamur*; pouco importa ler livros de boa, e san doutrina, inquirir, e saber a vida dos Santos, e Santas, que floreceraõ na virtude, se senão lêm para a imitação, e exemplo, como cantou *Ovem lib. 3. epig. 80.*

*Sanctorum vitas legere, & non vivere, frustra est,  
Sanctorum vitas degite, & non legite.*

Que traduzio D. Francisco de la Torre na fórma seguinte.

Santas vidas leer, y ver,  
Y, como ellas, nó vivir,  
Vida muerta viene á ser,  
La virtud se ha de seguir,  
No solo se ha de leer.

E adicionou nestas duas coplas,  
Será, si obras con fervor,  
Lo que tu ingenio penetra,  
En los Santos, cada letra,  
Privilegio en tu favor.  
Y en trocada fuerte, si  
Contra lo leido hizieres,  
Quantas sentencias leyres,  
Son sentencias contra ti,

Pelo que se deve procurar tirar proveito da liçam, porque ler muito, e obrar pouco, não o tem por parecer acertado. São Gregorio Humil. 1. in *Ezech.* He a liçam dos livros não só util para o bem espirital, e governo politico, mas tambem para curar achaques: estando enfermo em Capua El-Rey D. Affonso de Aragaõ, gastaraõ muitos dias em medicinas com elle os medicos, sem que lhe aproveitasse cousa alguma, até que dando-lhe para seu divertimento a historia de Alexandre, escripta por Quinto Curcio, se recreou tanto com a sua liçam, que em poucos dias acabou, o que a arte, e medicos, não puderaõ conseguir,



## LIÇAM IV.

*Sobre a observação.*

**A** Terceira fonte da prudencia he a observação, que cada hū póde fazer das cousas naturais, e artificiais, q se lêm, ouvem, ou vêm; alguns lêm os livros como romances, passando tempo, e perdendo-o outros; vem com os olhos, enão com o entendimento, naõ advertindo, que a natureza em todas as suas obras esconde debaxo de cortinas os principios morais, que o prudente attentamente penetra, e alegoricamente transfere as operaçoens humanas, considerando, q do mesmo modo que aos animais timidos naõ concede a natureza armas para pelejarem senão pés, para fugirem, q nos fracos he cordura fugir ós riscos, e no forte affronta o naõ enprendellos; e que assim como os animais, que nascem cedo, morrem cedo, assim as acçoens mais apressadas mais apressadamente desaparecem, e as que largamente se meditaraõ, subsistem largamente; e que da mesma maneira, q em os enxames das engenhosas abelhas nasce hū zangaõ perguioso, que confome o mel, assim em as familias mais generosas, quem dissipe as riquezas; e que da mesma sorte que de todo o animal venenoso se teria o remedio, golpeando-o; assim do vicio se tira o remedio contra o vicio, castigando-o.

Olha o prudente para as plantas, e observa que as que florecem prestes, acabaõ cedo: observa que os meninos de muito temporã cordura de ordinario duraõ pouco: observa mais as plantas, e vê, que os frutos das plantas silvestres saõ dezabridos, mas que mudaõ a natureza, e se fazem doces com hum enxerto de hum renovo nobre, e tira que a familia degenerada, e agreste com hum matrimonio illustre se ennobrece: torna a observar as mesmas plantas, e vê, que melhor

se enxerta hum semelhante em outro semelhante, que em planta diversa, e tira que saõ mais felices os matrimonios, e amizades entre iguais, que entre disiguais.

Olha para a agricultura, e vê, que aonde crescem muito as más ervas, he bom terreno, para semear as boas, e tira que os moços, que tem grande coraçãõ para vicios grandes, saõ capazes taõbem para grandes virtudes: torna a olhar, e vê, que rende mais huma herdade pequena bem cultivada, que huma grande mal cultivada, e tira, que maiores progressos logra hum mediano engenho com grande estudo, que grande engenho com mediano estudo; torna a observar as plantas, e vê, que quanto mais cultivadas, tanto mais fecundas; porém tanto mais fecundas quanto mais cedo se seccaõ; e tira, que o demasiado estudo augmenta a doutrina, e diminue a vida; torna a observar a agricultura, e observa, que o semear muy temporaõ engana algumas vezes, e que o semear tarde engana sempre, e tira, que as subitas deliberaçoens algumas vezes naõ succedem bem, mas as muy tarde sempre succedem mal.

Olha para a arte nautica, e vê, que o piloto deve apontar de ordinario a carta, e observar debaixo de que polo, de que grão, de que rumbo, e de que vêtõ, se acha, para evitar os penhascos, e os baixos, e as prayas inimigas; e tira, que aquelle que emprende huma obra grande, deve considerar as circumstancias dos lugares, tempos, e pessoas, para evitar os azares; torna a olhar, e observa, que quem naõ pode correr vento inteiro, corre huma quarta, e que senão pode correr vela cheya, volve á orça, e tira, que quem naõ póde fazer tudo o que quer, deve acomodar o seu querer ao que pode; porq he melhor hir adiante com fadiga, que tornar a trás com perda: torna a olhar, e vê, que o marinheiro experto, antes da tempestade, vê os finais, e tira, que antes



antes dos successos infelices prevê dantes o prudente os maos prelágios, torna a olhar, e vê, que, quando lutam dous ventos, se forma hū redemuinho, que forve a não, e daqui tira, que quando dous penceaõ sobre huma coufa, a contenda acaba em utilidade de terceiro; torna a olhar, e observa, que a mais arriscada prova do marinho, he pôr as velas ao vento para volver atrás, e tira, que a mais arriscada coufa he mudar de proposito, depois de estar a obra emcaminhada; torna a olhar, e observa, que o Iman, passada a Equinocial, perdendo a vista do nosso polo, subitamente se volta ao polo opposto, e tira, que o favorecido, em o privando do favor, se muda em inimigo, de quem o favorece.

Olha para a Medicina, e observa, que huma parte he porfilatica, e outra sublevativa, aquella preserva das enfermidades, e esta fára ao enfermo, e tira, que huma parte da prudencia preserva ao homem de obrar mal, e outra emenda o mal obrado;

*Ex vitio alterius sapiens emendat suum:*

*Felix, quem faciunt alieno pericula cautum.*

### L I Ç A M V.

#### *Sobre a Memoria.*

**A** Quarta fonte he a experiencia alhea, e a quinta a propria: de huma, e outra havemos tratado em varios lugares destas nossas liçoens, e se irão vendo no decurso dellas muitos casos, em que cada hum pôde tomar muitas regras, para que prudentemente possa pôr em boa direcção o governo de sua vida, e porisso não nos pareceo tratar particularmente mais sobre este ponto pelo perigo de não repetirmos, o que já dissemos, mas da memoria, como parte tão integral da prudencia, e tão necessaria para que nos aproveitemos da experien-

torna a olhar, e observa, que, quando os remedios absterfivos não aproveitaõ, se usa dos incisivos, e tira, que, quando não aproveitaõ as correçoens, se passa ao rigor do castigo; torna a olhar a cirurgia, e observa, que mais perigosa he huma ferida pequena penetrante, que huma dilatada, e tira, que mais difficultosa cura tem huma malicia escondida, que huma descuberta, porque para o mal apparente está patente o remedio, mas o que senão pôde ver, mal se pôde remediar; torna a olhar, e observa, que mais facilmente se curaõ as feridas dos que vão crescendo, do que as do adulto, e tira, que mais facilmente se emendaõ os moços do que os velhos; e deste modo da architectura, da fabril, e de todas as outras artes, tira o prudente aforismos para as operaçoens morais, e da observação dos vicios alheos emenda os seus; porque sô he sabio no juizo de Publio Mimo, o que pela falta de outro, emenda a sua.

cia alhea, e da nossa. He pois a Memoria huma retirada recordação do que já se aprendeo com o sentido, ou com o entendimento; he huma faculdade do animo, com a qual rete-mos no entendimento aquellas coufas, que conhecemos por algum sentido interno, ou externo; he hum habito da imaginação pelo qual repete, ou revolve a ella a noticia das coufas passadas: he o uso pois da sabiduria, e a memoria sua máy: *Sapientiae pater est usus, mater autem memoria*; os sentidos obraõ em as coufas presentes, a esperanza em as futuras, mas a memoria nas passadas: *Ex Aristotele de Memoria*. Porisso a natureza com admiravel sabiduria pôs seu assento em o cerebro do homem, porque com ella melhor, que com os olhos, veja o passa-



o passado significado pelo cerebro; e porisso a antiguidade, quando queria chamar a hum homem prudente, dizia, que tinha olhos no cerebro, e porque a prudencia he filha da memoria dos successos passados, he a memoria parte integral da prudencia, que a não pôde haver sem ella, e prova-se com hum filogismo facil: a prudencia nasce da experiencia de diversas cousas, experiencia não a pôde haver sem memoria de muitos casos, e successos, como diz *Aristoteles lib. 1. metaph.* logo não pôde haver prudencia sem memoria, e assim he preciso, que todo o homem tenha memoria de casos semelhantes, e exemplos passados para governar o presente pelo passado, pois a mais firme determinação, diz *Cassiodoro l. 3. epist.* 16. he, a que teve exemplar, porque não deixa, que duvidar, a mestra da experiencia; e assim importa, que todos sejaõ muy memoriosos, e principalmente, os que governaõ, e os que forem de pouca memoria procurem seu augmento com o trabalho, e uso della, que he o rego com que cresce: *Memoria minuitur, nisi eam exerceas*; juntando com ella a temperança, e bom regimento do corpo, usando de alimento, bebida, exercicio, descanso, e sonno moderado, de forte, que cada faculdade não tome mais do necessario à sua conservação, q̄ assim chegaraõ muitos a ter felicissima memoria. Mithridates foi taõ feliz em memoria, que sendo Rey de vinte, e duas naçoens, ouvia, e respondia a cada hum na sua lingua. Ciro foi taõ memorioso, que sabia os nomes de todos os seus soldados, com serem seus exercitos innumeraveis; e Cinas embaxador de Pirro em Roma, saudou aos Senadores por seu nome, e tambem à plebe: Seneca diz de si mesmo, que foi taõ prodigiosa a sua memoria, que repetia dous mil nomes pela ordem, que os havia ouvido, o mes-

mo se conta de Origines. Do nosso Rey D. Joaõ II. se lê, que tinha taõ feliz memoria, que excedeo aos mais famosos, que a antiguidade celebra, porque hindo à Universidade de Coimbra, depois que huma vez lhe disseraõ os nomes dos estudantes della, sempre dahi em diante, quando lhes fallava, era por seus proprios nomes, sendo elles, e seus apellidos em grande numero. Cezar, sendo Dictador, dictava no mesmo tempo sete cartas sem perder o fio. Porcio Latrinio foi taõ memorioso, que mandava nomear qualquer capitaõ da fama, e logo repetia suas façanhas, sem lhe saltar a menor dellas, e dizia, que nunca o enganara a memoria em huma só palavra.

Lembrar de tudo, tem mais de Divino, que de humano, e porisso tem grande perfeição aquelle, q̄ em si tem memoria grande; Timistocles foi de tanta memoria, que disse a Simonidis, que promettia huma arte de memoria, que mais queria huma arte de esquecimento. Não hà nenhum thesouro mais precioso, que a memoria, nem mais certo para a segurança dos bens *Ex Plutarcho in Marium*; porque a memoria dos successos, e casos passados nos ensina a governar os presentes, e dispôr para os futuros; a memoria dos peccados passados nos faz doer delles; a da morte, a não continuar nelles; e da Justiça Divina, a temermos; a da Misericordia, a esperarmos *Ex Francisco Petrarch. Dialog. 8.* De tudo isto veremos muito nalicação da morte, e do Juizo, do inferno, e do paraizo. He a memoria muy necessaria aos Principes, e senhores, e por mil titulos inestimavel: del Rey Ciro não desejavaõ mais seus vassallos, que saber os conhecia a todos por seus nomes, e Lucio Scipiaõ se fez amar de todo o povo Romano, porque não havia nelle homem de taõ baixa fortuna, que não tivesse lugar em a soberania de sua memoria: mais opulentos estive-



rao os thesouros dos Principes se foubrao pagar com esta lembrança os serviços dos vassallos, e como foraõ mais os premiados, tambem foraõ mais os benemeritos.

### L I Ç A M VI.

#### *Da Prudencia Regnativa, e Origem dos Reys.*

**C**Riou Deos ao homem Monarcha universal de todas as mais creaturas, constituindo-o Principe sobre todas ellas com tao soberano poder, que às vozes do primeiro homẽ obedeciaõ naturalmente todas, e nesta obediencia presistiraõ em quanto o homem se naõ rebelou contra Deos, querendo, sendo humano, ser sabio como Divino, sendo criado, equivocarse com o Creador; mas logo, que o primeiro homem se privou da primeira graça, negaraõ todos a obediencia ao homem, primeiro castigo de sua, e nossa primeira culpa, a que se lhe seguiu desterrallo Deos do Paraizo Terreal, e negarlhe a terra, que foi criada para servillo, os frutos, com que graciosamente lhe era obrigada concorrer, condenallo Deos a comprallos a preço de seu proprio suor, effeitos da culpa original de nossos primeiros pays, pelas quais ficamos todos seus filhos obrigados a buscar o sustento na nossa industria, o socêgo, e quietação na nossa virtude o Ceo, e a gloria nas nossas obras. Em quanto naõ houve mais de huma familia, foi governada por huma só cabeça, e commuas poderaõ ser as fatigas, sem necessidade de particulares celeiros.

Mas depois que se multiplicaraõ filhos, e netos cada hum formou sua familia, de que devia cuidar, e dispõs com politico governo a divisaõ das cousas introduzindo-se o direito das gentes, e ouvindo-se o nome *de meu, e teu*, tao aborrecido de alguns philo-

sophos, que quizerãõ, que os bens fossem communs reprovando com a especulaçaõ, o que he approvado na pratica de continuados seculos, e o consentimento de todas as Naçoens pois naõ fora possivel conservar-seo genero humano com os bẽs em commum; porque huns se inclinavaõ ao descanso, e outros à moderaçaõ do trabalho sem que a força coercetiva das leys pudesse obrar, que todos se applicassem igualmente a trabalhar para que os frutos se recolhessem em publicos lugares donde se distribuisssem proporcionados à necessidade de cada hum, e foraõ innumeraveis as queixas dos assistentes no trabalho contra os inclinados ao descanso; assim a reciproca necessidade, que os homens tem huns dos outros, e as conveniencias de mayor applicação, foraõ necessarias, para que naõ se applicassem ao descanso, ou se promettessem congrua sustentação em os celeiros communs; pois naõ ha Magistrado tao attento, que assim proveja o castigo do vagabundo como faz a necessidade, e ella ensinou aos homens os exercicios, a que os applicou a sua inclinação, para sustentar a vida, por meyo delles.

Naõ havia no mundo mais que huma familia, e a penas tres homens nella, quando o pay provou a necessidade que havia de Ministro menos interessado que elle, que enfreasse as insolencias como foi a de Caím, que matou a seu irmaõ Abel, sem mais causa do que a inveja de que pôs Deos seus olhos mais benignamente sobre as primissias do seu agradecimento, do que em as suas, sendo, que estava na sua maõ, o dispor-se a que fossem naõ só com igualdade, senaõ com mayoria; offerecendo em sacrificio, os melhores frutos como fazia seu irmaõ, com que acharia remedio, a sua desconsolação, sem buscallo na execuçaõ de sua ira donde achou mayores damnos; pois a morte de seu irmaõ lhe causou hum continuo desaffocego



zaffocego, e turbação de consciencia com que vivêo, crendo achava a vingança o innocente sangue no ruído de cada folha de arvore, que se movia.

Esta, e outras desordens, que ao passo, que cresceu o numero dos homens, se augmentaraõ, e a multiplicação de divisoens de dominios, e posses, occasionaraõ tantas differenças entre humas, e outras familias, que se reconheceo, que era impossivel, que nenhum estado, republica, multidaõ, ou casa pudesse durar, nem persistir sem imperio, e governo, e que necessitavaõ os homens, para viverem livres, sujeitar-se a algum poder, que com superior autoridade castigasse a hums, e premiasse a outros, e desse a cada hum o que era seu officio principal da Justiça.

Resolutos os homens a buscar poder, que os governasse, e como os juizos, e pareceres humanos depois que houve só hum homem, perderaõ a unidade, e passaraõ a ser tantos, como foraõ as pessoas, introduziraõ varios modos de governos; hums, imittando as formigas, que obedecem às mayores, e melhores, elegeraõ para o governo os nobres, e melhores, a que se chama Aristocratico; outros as Galhas, cujo governo he popular, e comum o cuidado publico, que se reparte entre todas, repartiraõ o governo pelos populares, a quem se chama Democratico: outros a exemplo das abelhas, que tem hum só Rey, depositaraõ em hum só esta soberania, e a este genero de governo, se chama Monarchico e deste parece, que falla Deos no *Capitulo 8. dos Proverbios versiculo 15. e 16.* e diz, que por elle governaõ, e reinaõ os Reys, e determinaõ ajustadamente os legisladores: *Per me reges regunt, & legum conditores justa de cernunt.* O primeiro nome de imperio, que se conhe-

ceo no mundo, foi o de Rey, segundo *Santo Agostinho libr. 3. de Civitate Dei cap. 10.* aonde cita Sallustio. E o primeiro Rey, conforme Hedoreto, e Plinio, se vio no Egypto, e se chamou Manes, ainda, que Deodoro quer, que se chamasse Mena, e que antes reinaraõ Oforis, Horo, e outros muitos: porèm os que as sagradas letras testemunhaõ, foi Nembrot, filho de Chus, neto de Cam, que reynou em Babilonia.

Estas foraõ às causas de haver Reys, e estes foraõ os primeiros Reys, que se achaõ nas letras humanas, e Divinas; e não ha duvida, que o governo de hum só he o melhor por ser mais parecido ao de Deos, o primeiro, eo mais duravel, com o qual tem florecido as monarquias, e imperios do mundo, e se vê, que o mesmo Deos quiz estabelecer o reyno, e governo monarchico, à exclusão dos mais, fazendo, que o genero humano descendesse de hum homem só, e assim o sentio *Plataõ no livro Civil. Unius dominatio bonis cuncta legibus sola omnium rectissima:* eo disse seu discipulo *Aristoteles no livro das Ethicas cap. 10. Reipublice tres sunt species, regnum, & optimorum potestas, sive optimi potentia, & sensu potestas, sive respublica, atque harum optima quidem est regum, pessima vero censi potentia.* Isocrates, escrevendo lhe diz, que se todos os engenhos, e acçoens dos homens se puderaõ examinar, todos prefeririaõ o governo de hum ao de muitos: *Si & ingenia hominum & actiones intueamur universi monarchiam caeteris prestare fateantur.* E Hedoreto fallando com Thalia assenta, que o governo de hum Varaõ Justo, he o melhor: *Unius viri, qui optimus sit, imperio nil melius, & monarchia omnium est praestantissima.* Do mesmo Parecer foi *Seneca no liv. 2, dos beneficios. Optimus civitatis status sub Rege justo est.* O mesmo que escreveraõ os sabios, differaõ



tambem os Poetas ; Euripedes o disse a Archelão.

*Monarchia Deorum quaedam vita videtur.*

*Nam præter immortalitatem reliqua habet omnia :*

*Bono verò etiam tyrano subjici pulchrum est.*

Claudiano no l. 7.

*Fallitur egregio quisquis sub Principe credit*

*Servitium, nunquam libertas gratior extat,*

*Quàm sub Rege pio.*

Eubano

*Nec multos regnare bonum, Rex unicus esto :*

*Unius imperium cum Jupiter aurea manus,*

*Sceptar dedit, jussitque suis dare jura tuendis.*

Nenhuma cousa achou mais conveniente para a conservação de hũa republica *Deolazio lib. 44.* que restar depositado em hum só o governo della : o povo ou serve, como baixo, ou manda, como soberbo, *Multitudo aut servit humiliter, aut superbè dominatur.* Disse *Tito Livio.* E assim he mais facil achar hum bom, do que muitos ; e, quando aconteça, que este seja máo, mais convem o governo nas mãos de hum só máo, que no poder de muitos ruins ; verdade que abonaõ as cousas dos Gregos, Barbaros, e Romanos : sempre os povos, e Cidadãos conseguiraõ mais largos beneficios no governo de hum, do que no de muitos : e pelo contrario sempre foraõ menos os males, que repartio só huma máo, que os que descarregaraõ muitas como sempre foi menor o golpe, que descarregou hum só braço, que o que repartiraõ muitos : *Penès unum*

*Non bonum multi domini, sit dominus unus :*

*Rex unus, & multos imperare malum est, benè unicus sto.*

A qual sentença commentando *Eustachio Arcebispo Thessalonisense* diz, que o governo monarchico seja o melhor, eo declara a composiçaõ do mundo, que se governa por hum só creador, Rey, e Senhor de todas as cousas : todas as cousas, que se vêm no mundo mais formosas, saõ unicas, e naõ muitas ; hum só Sol he presiden-

*sumum reipublicæ conducibile omnium maximè est, facilius enim unusquispiam vir bonus, quàm multi reperiuntur : quò fit, ut siquis summæ rerum præsit, tamen satiùs id fit ; quàm à sui similium multitudine reipublicam administrari, cujus rei fidem facere possunt res gestæ Grecorum, Barbarorumque, & ipsorum etiam Romanorum, nimirum cum semper. & præstantiora longe, & plura sub regibus, quàm sub populari gubernatione urbes, ac privati cives beneficia adepti fuerint ; longequè minùs rem adversorum sub unius, quàm sub imperio multitudinis sustinuerunt.*

A unidade conserva as cousas do mundo, ao mesmo tempo, que as extingue a divizaõ, e se acaba tudo ; razão porque disse *Homero no liv. 2. das Illiadas,* que naõ era bom, que fosse o dominio de muitos, antes, convinha, que fosse de hum só :

te do dia, huma só Lua da noite ; hũ Rey pòs neste mundo pequeno do homem o Rey dos Reys ; a saber o entendimento : assim tambem serà felice o Reyno, aonde hum só governar : *Quod autem monarchia sit optima, declarat mundi dispositio, quæ ab uno creatore universarum rerum domino, & Rege gubernatur, quæcumquè habentur in*

mun-



*munido pulcherrima, singularia sunt, unus sol prest diei, una itidem luna nostris oculis, unum regem in arce nostra, mentem scilicet, Rex regum collocavit: ita igitur, & civitas bene se habebit, si ab uno principe regatur.*

O mesmo, que mostra a razão, justifica, e comprova o exemplo. Criado Cresso Rey dos Lidios, tomou para companheiro do governo a seu irmão, o que sabendo hum sabio daquelle tempo, se foi ao Rey, e lhe disse: de todos os bens da terra, Rey, e senhor, he autor o Sol, porque nada houvera, na terra, se o Sol nada illustrara, mas se foraõ dous os Soes, era certo o perigo, e infalivel à ruina de tudo: *Cum Lidis Cressus imperaret, fratrem in consortium imperii assumpsit, tum quidem Euclides acedens dixit: omnium in terra bonorum, o Rex, author est Sol, nec quicquam extaret in terra, sole non illustrante: at si gemini soles forent, periculum immineret, omnia conflagrantia perditum irent: itaque & regem unum accipiunt Lidi, & servatorem esse credunt, duos verò tolerare non possunt. Estobeu Serm. 47.*

O bem de huma a flociada multidaõ, diz Santo Thomas lib. 1. do Governo do principe cap. 2. està, em que a sua unidade se conserve em paz; quanto for mais efficaç o governo, para conservar a paz, tanto serà mais util: claro he que mais unidade pòde obrar, o que he por si hum, do que os que faõ por si muitos: de que se segue, que he mais util o governo de hum, que o de muitos. Aquellas cousas, que concordão com a Natureza, usurpaõ para si sempre o melhor; por que nas unidades sempre infunde, e opéra melhor a Natureza. Todo o governo natural nasce de hum; nos membros move tudo o coração; nas partes do animo preside só a razão; e em todo o universo hum só Deos feitor, e governador de tudo.

Alciato em-  
blema 93.

*Nulla fides regni foliis, omnisque potestas  
Impatiens consortis erit.*

O que ajudaõ as experiencias; porque as Cidades, as Provincias, e os Reynos, que naõ se governaõ por hum, vivem em continua discórdia; e pelo contrario as governadas por hum só, lograõ a paz, florecem na justiça, e abundaõ em todos os mais bens: donde veyo, que o senhor por grande beneficio, e singular fineza prometeo pelos seus prophetas huma só cabeça, hum só Rey, e hum só pastor: *Bonum consoliatae multitudinis est, ut civis unitus pace conservetur; quanto igitur regimen efficacius fuerit ad unitatem pacis servandum, tanto erit utilius; manifestam autem est virtutem magis efficere posse, quod est per se unum, quam plures; utilius enim est regimen unius, quam plurium: ad hoc ea, quae naturae congruunt, optimè habentur; cum singulis enim operatur natura, quod optimum est, omne autem regimen naturale ab uno est: in membris cor movet omnia in partibus animae ratio praesidet, & in universo Deus factor est, & omnium rector: huc spectant experimenta; nam civitates, & provinciae, quae non reguntur ab uno, dissentionibus laborant: contra verò quae sub uno reguntur, pace gaudent, justitiã florent, & aliis bonis affluunt; unde Dominus pro magno munere per prophetas populo suo promittit caput unum, regem unum, & pastorem unum.*

Quando a razão assim taõ claramente o naõ dictara, a gritos o persuadia a experiencia; pois assim como o corpo humano naõ soffre duas cabeças, assim nenhuma republica dous senhores, e a mesma monstruosidade forter duas cabeças hum reyno, que hum corpo; e huma, e outra se opposeraõ de maneira, que com a ruina de ambas correrà tambem a ultimo fim o Reyno. Naõ admite sociedade o governo, e he impaciente de companheiro o mando, como cantou Lucano no liv. 2.

Que



Que foi o mesmo, que a Agamenon el-  
creveo Seneca: *Nec regna solum ferre,  
nec tede sciunt.* Que sociedade no rey-  
nar começou com fé, ou qual acabou,  
sem sangue, disse Santo Cypriano, tra-  
tando da variedade dos Idolos: quan-  
do unquam regni societas, aut cum fide  
cepit, aut sine cruore desit? Com muita  
razaõ diz Quinto Curcio que imperio,  
que podia pervalecer debaixo do go-  
verno de hum, acaba no de muitos:  
*Imperium, quod sub uno stare potuisset,  
dum à pluribus sustinetur, ruit.* Of-  
fereceo Dario a Alexandre dez mil ta-  
lentos, e metade da Asia, que desistif-  
se da empreza; recusou Alexandre a  
offerta dizendo: que assim como a ter-  
ra não podia soffrer dous Soes, assim  
não podia tolerar a Azia dous Reys:  
*Nec terra duos soles, nec Asia duos Re-  
ges ferre posse.*

Em huns Reynos se elegiaõ os  
Reys por sorte, politica, que conde-  
na Plataõ no livro da Creação do Prin-  
cipe; porque a sorte he dirigida pela  
fortuna que attende mais à felicidade,  
que à virtude; do que nasce, que em  
braços da fortuna alcance o soberano  
poder de Rey, o que não merece ser  
contado entre os Cidadãos virtuo-  
fos: não convem, que hum absoluto  
dominio das Cidades, e povos seja dif-  
tribuido pela fortuna instavel, *Quibus-  
dam placet sortito creare principes,  
nullo sane subditorum commodo; sors  
enim ad felicitatem, non ad virtutem  
attendit; itaque sæpè accidit, ut ad  
principatum sors evehat, quos vir bo-  
nus non foret in subditorum numero;  
non ergo decet dominium, principatum-  
que integrarum civitatum, & gentium  
sorti committere, lubricæ rei pendenti  
à fortuna instabili.*

Em outros por eleiçaõ, como  
em Polonia, e no Imperio de Ale-  
manha, mas tambem he politica con-  
denada por Boecio no liv. 1. da Re-  
publica, porque ainda que esta for-  
ma de eleiçaõ possa ter suas utilida-  
des, tem mostrada a experiencia,

grande mestra das cousas, que quasi  
sempre as corrompe, ou o injusto  
favor, ou o maior poder: *Nonnun-  
quam per electiones principes fiunt, &  
quamquam hoc suas utilitates habeat,  
tamen ab injusto favore corrumpi fer-  
mè solet.*

Em outros succedem os Princi-  
pes por direito do sangue, politica,  
que tem abraçado quasi todo o Uni-  
verso, e com razaõ; porque, como  
diz Boecio no lugar citado, os Prin-  
cipes, que sabem, que por sua morte  
se haõ de continuar os dominios, e  
as obediencias dos vassallos na sua ge-  
raçaõ, e sangue, se applicaõ com  
mais vigilante cuidado à conservaçaõ  
dos dominios, e bons governos dos  
vassallos; pelo contrario os que co-  
nhecem, que na sua vida acabaõ,  
todos se occupaõ nella em accom-  
modarem bem seus filhos, parentes,  
e amigos, e se esquecem do bem po-  
litico, e commum da Republica: faz  
tambem mais seguro, o estado da  
Republica, este modo de successaõ;  
assim porque os que sabem que pela  
natureza, e commum consentimen-  
to dos homens, vêm destinados para  
o imperio, se instruem melhor nas  
maximas do governo: como taõbem  
porque raras vezes acontece, que se  
criem novos Principes sem grande  
calamidade dos Reynos, porque co-  
mo cresce em muitos a esperança de  
reynar, trata cada hum de grangear  
mais amigos, com que se ache de  
melhor partido, e de ordinario se  
vê naufragar a Republica, combatida  
dos contrarios ventos, motins, e  
parcialidades, que raras vezes aca-  
baõ sem primeiro acabarem com  
ella: *Non tantum, quia natura trans-  
fert similitudinem a parentibus in fi-  
lios, imperium successive laudamus;  
sed etiam, quia maiorem illi quoque  
earum rerum curam gerunt, quas pu-  
tant ad alienos successores non esse per-  
venturas: hi, quemadmodum scri-  
ptum est apud Theodoretum, cum ad me-  
lius*



lius instruuntur qui sunt ab ipsa natura, hominumque justissimo consensu destinati, at hæc successio multò securiorem reipublicæ statum reddit, novos Principes rarò sine magno periculo, sæpe cum magnâ civitatum perniciæ videamus esse creatos: nam cum multis eadem proposita sit imperii spes, non potest frequenter Respublica periculosis motibus non concuti, & non potest perditissimis seditionibus non discerpi.

O nome de Rey, se diriva do verbo latino *Rego*, que significa governar, e de governar bem se dizem Reys, e defendem o nome de Reys, os que justamente governaõ, como o perdem tambem os que mal ad-

ministraõ: *Legitimus immanissimus Rex, hoc tyrannis interest, servos tyrannus, quos regit, Rex liberos putat suos*, disse Thomaz Mouro. Merece justamente o nome de Rey, o que sabe governar bem a si, e aos seus subditos, disse Santo Isidoro no livro, que intitulou do summo bem: *Reges à recte regendo vocati sunt, idè, qui rectè faciendo Regis nomen tuetur, peccando amittit: rectè ergò illi Reges vocantur, qui tam semetipsos, quàm subiectos benè regendo novèrunt*. E pelo contrario o de tiranno, o que se não sabe governar a si, nem a seus subditos: do mesmo parecer foi o Poéta.

*Rex bonus, atque idem est fortis bellator in armis,  
Qui rectè faciet, non qui dominatur, erit Rex.*

São os Reys huns Vice-Deoses da terra; huns Vice-Reys de Deos, e seu lugar tenentes na terra. O que considerando *Platam* no livro 3. da sua republica, diz, que Socrates costumava afirmar, que sendo todos os homens fabricados pela poderosa mão de Deos à sua imagem, e similitude, com tudo aos que creava para os Imperios, os creava com a mistura de ouro; e com a de prata, aos que os haviaõ auxiliar nos governos; e com a de metal, e ferro, aos que creava para lavradores, e officiaes: *Socratem inducit per similitudinem quandam homines à Deo sic genitos esse tradit, ut qui apti futuri essent ad imperandum, iis aurum admisceret, qui vero iis futuri essent auxilio, eis argentum; æs autem, & ferrum futuris agricolis, & opificibus, quod ad ingenium potissimum, & virtutes naturales ferendum*. Egbantes, referido por Estobeu no Sermão 48. os reputa por divinos entre os mais homens, como homens, que se elevaõ sobre a natureza cõmua. Não são os Reys no corpo dissimilantes dos mais homens, como fei-

tos da mesma materia, mas são copiados pelo divino Artifice à sua propria similitude: *Divinior inter homines Rex est, ut, qui multum supra communem naturam immineat, corpore reliquis non dessemilis, utpotè natus ex eadem materiâ, sed ab Optimo Artifice factus, qui fabricavit ipsum, archetypum ex se sumpto*. Diogenes no seu livro do Reyno diz, que huma Cidade, a quem fórma a variedade dos edificios, e a diversidade dos moradores, imita igualmente a fabrica da harmonia do mundo, e que os Reys a ninguém fugeitos, e de toda a ley humana izentos, são leys vivas, e fazem entre os homens a figura de Deos, que representaõ: *Civitas ex multis, diversisque concinata mundi structuram, & armoniam imitatur; Rex autem Imperium gerens nulli obnoxius, lex viva existens, Dei figuram inter homines representat*. Estobeu no Sermão 48. diz, que hum Rey unico, e excellente he huma obra da mão de Deos, e huma imagem do Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, familiar de sua casa, e huma luz muy para vista



vista entre os subditos: *Rex unicus, & excellens quoddam opus est, immò imago supremi illius Regis, creatori suo semper familiaris, à subditis verò in regno tamquam lumine conspicua.* Plutarcho no livro da doutrina dos Principes affirma, que são ministros de Deos para remedio, e faude dos homens, a quem Deos entrega liberalmente seus bens, para que os distribuão em parte, e os guardem em parte: *Principes ministri sunt Dei ad salutem hominum, ut bona, quæ Deus illis largitur, partim distribuunt, partim servant:* E assim como Deos pôs no Céu dous simulacros seus, o Sol, e a Lua, assim pôs em a terra Reys, para imagens, e luzes suas, para que, em reverencia sua, sejaõ defensores da sua justiça: *Princeps Dei simulacrum est, administrans universa; quemadmodum enim Deus in Cælo pulcherrimum sui ipsius simulacrum constituit Solem, ac Lunam, talis in republicâ imago, ac lumen Princeps, qui, Dei reverens, justitiam tuetur.*

Da excellencia dos Reys, e da grandeza de seus officios, e visinhança, que tem com Deos, se colhe a veneração, que se deve às suas Regias Magestades, e obediencia a seus mandados, recommendada por São Pedro no cap. 2. de sua primeira carta: *Subiecti estote omni humanæ creature propter Deum, sive Regi, quasi præcellenti, sive ducibus, tamquam ab eo missis.* E pouco depois admoesta, que se tema a Deos, e se honre ao Rey: *Deum timete, & honorifi-*

*cate regem.* Por pontos de conveniencia aconselhou Caleuco no Proemio das leys, dizendo que para conservação era conveniente obedecer às leys, reverenciar, e cortejar aos Principes; porque, depois de Deos, mereciaõ a primeira honra os Pays, as Leys, e os Principes, e que não podia haver homem de juizo saõ, que não desejasse a sua conservação, e que não satisfizesse a huma obrigação tão necessaria: *Cunctos oportet obedire legibus, Principes revereri, eisque exurgere, & quod præcipitur, facere; siquidem post Deos proximis honoribus afficiuntur parentes, leges, ac Principes apud homines, qui mentem habent, & incolumes agere student.*

São os Principes, como pays de seus vassallos, patronos, e senhores dos Cidadãos, e, como tais, devem ser amados, venerados, e obedecidos, disse Charondas no Proemio das leys: *In Principes veluti parentes benevolentianos affectos esse decet, obediens, ac venerantes ipsos; nam Principes etiã patroni, & domini sunt civitatis, ac civium salutis.* He todo o Reyno hum homem, em que he cabeça o Rey, e membros o povo; o bom Rey tantos Cidadãos tem, tantos membros conta, e assim como este, como cabeça, se dõe de perder qualquer Cidadão, assim aquelle deve amar, e guardar o Rey como cabeça, como elegantemente descreveo em hum epigramma Thomás Mouro.

*Totum est unus homo regnum, idquè cohæret amore,  
Rex caput, & populus cætera membra facit:  
Rex, quot habet cives, dolet ergò perdere quemquam;  
Tot numerat partes corporis esse sui:  
Exponit populus sese pro Rege, putatquè  
Quilibet hunc proprii corporis esse caput.*

Refere Plutarcho, que fugindo Timistocles para a Persia a ampararse daquelle Rey, lhe differa Artabâno:

hospede, se trazes proposito de viver livre, e se admiras a nossa seguridade, sabe, que, sendo entre nós muitas



muitas leys, que por oraculos venera a mesma sabedoria, sabe, que entre ellas, como rainha, occupa a primeira cadeira, a que manda guardar a adoração, e veneração dos Reys, como imagens de Deos, que tudo conserva: e assim se trazes intento de a guardar, ferte-ha licito fallar ao Rey; porém se vens com outro proposito, de nenhuma maneira o conseguiras; porque não he costumada nossa patria, que os Reys ouçam aos homens, que os não venerão, e a doraõ.

Com razão se conta por erro celebrado o fahir Cesar Augusto com hum decreto, em que mandava se lhe não chamasse senhor, sendo Rey, porque era tirar a adoração à Coroa, sem a qual não ficava Coroa; porque a modestia em as cousas, que tocam à Magestade, mais he abatimento, que modestia; porque o Rey ha de fazer não só, que o respeitem, senão, que o admirem; deve parecer mais que homem, para que o reverencem os homens. Entre as muitas penalidades, que trazem as Coroas, não he a menor não fazer hum Rey em publico acção, que pareça de humano, dever passar por esta penalidade, para grangear estimação, que se avisinhe ao Divino.

Naõ basta à prudencia politica fazer leys utilissimas, senão póde fazel-las observar; antes he mayor discre-dito para as leys verem-se fixadas em as paredes, e desprezadas, aonde se deviaõ pendurar, os que as desprezaõ; mas a primeira regra da prudencia, a fim de que a ley conserve a sua dignidade, he, que conserve a Magestade o legislador. A Magestade humana, como se ha dito, não he outra cousa, que hum reflexo da Magestade Divina, a qual faz a pessoa do Principe na opiniaõ dos subditos admiravel, e digna de reverencia; porque assim como aquelle, que reverencêa ao Principe, como imagem de Deos, assim o que reve-

rencêa o Principe, reverencêa a ley, como imagem do Principe: confer-va-se a Magestade com a grandeza das acçoens, com a gravidade das palavras, com a inteireza dos costumes; de forte que as acçoens pareçaõ obras de Heróes, as palavras repostas de Oraculos, os costumes idéas sem paixões: inteiro cumprimento da Magestade costuma ser a presença magestosa, de forte que da habitação corporea se conheça, que a alma, que habita, he grande, e digna de imperio: mas porque esta não he obra da arte, senão da natureza, que talvez gosta de esconder hum Socrates dentro de hum Solino, supre a arte este defeito, com manifestar-se poucas vezes de modo, que o Principe pareça huma imagem sagrada, que só em os dias solemnes se descubra: os Templos escuros, as grutas solitarias, as sombras nocturnas causaõ veneração, e hum horror sagrado; nenhuma cousa há taõ bella, que fazendo-se publica, não enfastie. o Sol he Principe Primogenito dos Planetas, mas, porque está o mais descoberto, he o menos admirado: os Cometas são tristes abortos do ar; mas porque se deixaõ ver poucas vezes, nos levaõ a admiração: não ha cousa taõ perfeita, que não tenha algum defeito, o qual de longe se encobre, e de perto se regista. As Rans pediraõ Rey a Jupiter, e lhe lançou hum grande tronco; o estrondo, a grandeza, a nova figura, movêo em aquelle povo salustre huma attonita veneração; mas depois que ellas, cheirand-o e tentando-o mais de perto, conhecerão, que o Rey era hum tronco, saltaraõ em cima, e fizeraõ zombaria delle. Verdade he, que em alguns Reynos he mais estimada a familiaridade do Principe; mas tambem he verdade, que estes Reynos estaõ mais expostos a tragicos casos, porque a familiaridade abre as portas ás novidades.



A Magestade, para ser Magestade, ha de estar assistida daquellas duas Deidades, que, segundo Hesiodo, leuão sempre ao lado do Supremo Jupiter; estas são a Graça com a Coroa, e a Nemesis com a espada; isto he; a beneficencia, e a justiça, o premio, e a pena; aquella, para premiar os que observaõ as leys; e esta, para castigar, os que as desprezaõ: a beneficencia he mais amavel, mas a justiça he mais necessaria; porque em os povos abunda mais a malicia, que o agradecimento; e faz mais mal a malicia de hum só, do que aproveita o agradecimento de muitos. Aquelle sabio Rey Luiz XI. a nenhum de seus vassallos tirava o chapeo, senão à força, dizendo: *esta me faz Rey*; porque move mais o temor do castigo, do que a esperança do premio. Huma, e outra Deidade, ainda que são muy boas, tem muy máos filhos; porque a justiça gera ódios, e a beneficencia invejas: mas de huma, e outra será bom o effeito sem o deffeito, quando ambas olhaõ ao bem publico: entaõ será odiosa a justiça, quando castigar as pombas, e perdoar aos corvos; ou quando esta se mostrar mais enojada contra o delinquente, que contra o delicto; porque a parcialidade atemorisa aos bons mais que aos máos; e he mais odiosa ao publico, que o util ao particular. Do mesmo modo entaõ he invejada a beneficencia, quando chovem as graças, e favores sobre hum só, ou quando o beneficio se faz por inclinação à pessoa, e não por premio da virtude; porque entaõ obriga a hum só, e desagrada a todo o povo: e pelo contrario, quando o beneficio he premio do merecimento, remunerando o Principe a hum só, obriga a todos, e folgaõ, de que se premêe a virtude; porque esperaõ elles de poder alcançar com a virtude, o que o outro alcançou com ella; assim que nem causa odio à justiça,

nem inveja à beneficencia, quando a justiça observa no castigo a proporção Arithmetica, e a beneficencia observa em dar a proporção geometrica; porque huma, e outra he popular.

Estas são as maximas principaes, e estas as chaves mestras da prudencia, e respeito do Principe: mas, porque he impossivel, que o artifice mais douto obre sem instrumentos, e dos Principes o são os Ministros, e conselheiros, he grande regra da Prudencia Politica, que o Principe senão fie da prudencia propria, mas deve formar em seu interior hum conselho tal, como senão houvesse mister conselheiros: porém deve eleger tais conselheiros, como senão tivesse conselho proprio; e devem os conselheiros ser taõ prudentes, que possa ser Principes, porém taõ modestos, que não dêm ciumes aos Principes, reconhecendo-se accessorios, e não principaes; subditos, e não companheiros; conselheiros, e não Mestres. *Turba multa melius Judicat, quàm unus solus, disse Aristoteles*; e porisso convém que sejaõ mais de hum; porque os negocios repartidos são melhor executados; e a multidaõ contrasta a cada hum de porfi. Boa regra de ter encerrados em seu peito seus pensamentos, que, à maneira do mercurio dos Alquimistas, se desvanecem, quando se descobrem; mas porque he igualmente arriscado obrar sem conselho em as cousas importantes, e não se póde pedir sem fiarse, he necessario achar meyo entre a confiança, e desconfiança; para o que he excellente regra, não pedir seu parecer a todo o corpo, senão a cada hum porfi, nem precisamente para hum caso certo, senão duvidosamente, para hum caso possivel com alguma circumstancia varia, que descubra, ao que descobrio o segredo. E finalmente se se deve fiar à algum toda a consulta, a nenhum confie a propria resolução; mas se o Principe tem por fim o



publico bem, e elege conselheiros, conforme ao seu fim, todos os conselheiros, ainda que hum não saiba do outro, se acharão concordes, como diversos instrumentos armonicos concordão entre si, se todos concordão com o baixo principal. Todas estas regras da Prudencia politica se reduzem a esta só, que o povo obedeça ás leys do Principe, e o Principe obedeça ás leys naturais, e Divinas; porque suposto que o Principe absoluto he superior ás leys publicas, e ás leys politicas de seus antepassados, não o he das leys Divinas, e das Naturais.

Esta foi o primeiro principio dos Principes, e Reys; este he o seu officio, esta he a sua excellencia, e esta deve ser a nossa veneração; porém nem a honra, nem a gloria, nem as riquezas, nem os desejos, diz Santo Thomas no livro 1. do Governo do Principe, são os premios de hum bom Rey; mas a bemaventurança, coroa da gloria, que Deos tem aparelhada por toda a Eternidade para os Reys Justos, e virtuosos. Esse he, o que dá faude aos Reys, he sua faude, e salvação eterna: nada da terra he sufficiente Premio de hum Principe bom; nem, como diz Santo Agostinho, podemos chamar felices aos Principes Christãos, que viverão, e mandarão largos annos; nem, os que deixarão em paz seus filhos no Imperio; nem, os que acabarão, ou diminuirão os inimigos do seu Reyno, nem os que reprimirão, e castigarão vassallos rebeldes; mas à quelles, que governarão justa, e santamente; aos que sujeitirão mais aos seus mãos desejos, e appetites, que às gentes; aos que tudo obrarão obrigados sómente dos impulsos da felicidade eterna, e não levados pela redea da vaidade, e vangloria deste Mundo; porque a estes tais Principes Christãos só podemos chamar ditos, e felices na esperança em vida, e na realidade na morte: *Nec honor, nec Mundi gloria, nec divitiæ, nec voluptates prohi Re-*

*gis præmia sunt, sed beatitudo, & corona gloriæ, quas Deus præparavit bonis Regibus in æternum; ipse enim est, qui dat salutem Regibus, & salus ejus in æternum erit: nil terrenum sufficiens est præmium boni Principis, nec etiam, ut ait Augustinus, christianos Principes, quia diutius imperarunt, vel Imperatores filios morte placidâ reliquerunt, vel hostes Reipublicæ diminuerunt, vel cives adversus se insurgentes, & cavere, & opprimere poterunt, felices eos dicimus; sed, si juste imperante, si malunt cupiditatibus, quàm gentibus imperare, si omnia faciunt non propter ordinem inanis gloriæ, sed propter charitatem felicitatis æternæ, tales Imperatores christianos felices dicimus, interim spe, postea re ipsa futuros, cum id, quod expectamus, advenerit.*

As virtudes, que haõ de ter os Reys, e Principes, não correm por nossa conta; porque he empreza, que pede mais generosa Aguia para examinar rayo a rayo, na visinhança das Magestades, em que tem remontado tantas, que fora atrevimento, oquerer imitallas, mas tã as poderàs colher, das que te referimos, devem ter os Ministros; porque todas ellas devem ter com excellencia todos; o que a todos he superior, e reflexo da Divina, e suprema Potencia; porque deve ser primeiro ornado da virtude, o que he primeiro no imperio, não só de si, e dos seus, mas de todos os que governão, como escreveo Philo a Alcibiades: *Virtute prius ornatus ipse debet esse, quicumque, non sibi tantum, ac suis, sed Reipublicæ etiam, & his, quæ ad eam spectant, imperaturus est*: porque quem necessita de maior prudencia, que aquelle, que maiores cousas determina? quem de mais singella justiça, que o que sobre as leys he maior? quem de maior animo, e fortaleza, que aquelle, que tudo guarda à força, e valentia? quem de maior temperança, que aquelle, a



quem tudo he licito ; quem se deve vestir , e ornar mais com a excellente galla das virtudes todas , que aquelle , que de todos he espelho ; quem finalmente ha-de respládecer mais em todas as obras , que aquelle , cujas obras se não podem esconder mais , que como lume do Sol , que tudo penétra : disse a boca de outro , S. Joáo Chrysofimo na oração terceira do Reyno ; *Cui maiore opus est prudentiá , quàm ei , qui de rebus maximis deliberat , cui sinceriori justitiá , quàm ei , qui legibus est ipse maior , cui maiori animo , quàm ei , cuius omnia viribus servantur , cui abstinentiá , & sobrietate maiori , quàm ei , cui omnia licent , quem magis oblectare debent virtutis exercitia , quàm eum , qui omnes homines animi sui spectatores habet , ac testes , & cuius gesta nibilo magis latere possunt circumlustrantis solis lumen.*

Concluimos , que a inobediencia de nossos primeiros Pays nos obrigou a buscar a nossa liberdade no nosso cativeiro , e de que deste he melhor o de hum , que o de muitos , e que os Reys se dirivão de governarem , e regerem bem , e que sua autoridade , e poder se avizinha lá muito com a Divina ; e que , por esta razaõ , lhe devemos nós a elles veneração , e obediencia , como a primeiros Ministros de Deos em a terra , e elles a Deos , a fi , e a nós o serem igualmente primeiros no governo , e na virtude ; pois esta deve ter em superior grão , o que a todos he superior , como mais largamente verás na segunda parte , na lição do Exemplo.

#### L I Ç A M VII.

*Sobre o mesmo assumpto.*

**H**A chegada a malicia humana a taõ extremo grão na maldade , e tem trocado tanto a natureza das cousas a fim taõ contrario , ao que as dirigio a razaõ , que , de-

sencaixada dos eixos da razaõ , vòa nas azas do engano , e da malicia ; em seu principio , e nascimento não podia fair de seu primeiro ninho : nos braços da culpa de nosso primeiro Pay nasceo a discordia , entre seus filhos continuada desde o principio do mundo até a presente hora , e como nos seus principios nasceo mais vigorosa , viraõ os primeiros homens , que , sendo tudo desordenado pelas mãos da discordia , corria tudo à sua ultima ruina. Gritou a necessidade por remedio , e acudindo os primeiros homens ao tribunal da razaõ ; unica appellação , q̄ escapou do destroço do lamentavel naufragio , que por sua , e nossa desgraça , padeceraõ nossos primeiros Pays ; a pedir-lhe remedio , para que fossem menos os estragos , já que não era possível lograrem a bemaventurança da primeira graça ; doída a razaõ , e lastimada das miserias , que padecia o homem , esquecendo-se do agravo , que lhe tinha feito no desfacato , com que em seu desprezo cometeo a primeira culpa , se resolveo a acudir à necessidade , sem reparar na injuria.

Ditou a o homem a razaõ as virtudes , baixeis , em que podia salvar-se , e chegar ao porto da gloria , para que fora creado , e escapar do mar deste mundo , em que ficou pela culpa ; e entre ellas lhe ditou em primeiro lugar a virtude da Prudencia Politica que ensina , como os homens devem viver em comunidade com prudencia , com justiça , com fortaleza , com temperança , ajudada das outras virtudes , que , como suas partes , lhe assistem ; abraçaraõ os primeiros homens os dictames da razaõ , e viveraõ por isso os primeiros homens mais cheios de virtudes , e alheios de vicios , com mais socego , e com maior descanso.

Correraõ os tempos , e sempre os homens foraõ de mal para peor , e até que chegaraõ , esquecidos das virtudes , a entregarem-se todos aos vicios , e de



e de tal modo adulterao as virtudes, que sendo a Prudencia politica virtude perfeitissima, quando nascida da razao, he hoje a politica mancada pela malicia, vicio tao feyo, que soa nas orelhas de todos hum composto de todos os vicios, monstro formidavel ao valor mais nobre, e vale o mesmo chamar hoje a hum homem politico, que nomeallo sem mais Deos, que a sua conveniencia, sem mais razao, que o seu interesse; por que nao cuidao, os que hoje o mundo appellida Politicos, mais que em fazerem o seu negocio, encontre ou nao encontre as leys Divinas, ou humanas; rompa, ou nao, os dictames da razao; corte, ou nao, pelas virtudes, sendo huns Prothéos de varias cores, ja parecendo nobres, e virtuozos, ja infames, traidores, e desfalmados, ja engenhosos, ja discretos, ja ignorates, ja obstinados, ja portervos, ja humildes, compassivos, ja piedosos, como bem os decifrou Cosme Gomes:

Monstro al valor mas noble, formidabile,  
 Parecio de estadistas la chimera,  
 No Prothéo en lo vario, y lo mudabile,  
 Que es su forma mudable mas, y fiera:  
 La deste siempre se corrompe instable,  
 Aquella siempre una perievera,  
 Y siempre otra, y tantas, que en si abraza  
 Las q un espejo en populoza plaça:  
 Ya parecia noble, ya virtuozo,  
 Infame ya, traidor, y dezalmado,

*Diffimulat, simulat, quoties occasio poscit;*

*Moribus ut morem, temporibusque gerat;*

*Temporibusque ritè sapit servire, memento*

*Omnibus, ut tempus serviat omne tibi.*

Oh malvados enganadores do genero humano! oh Politicos do tempo, que mais despenhados, que Salmonéo, e Phactonte contra os falsos Deoses,

Ya prudente, discreto, y ingeniozo,  
 Y a ignorante, portervo y obstinado:

Y a humilde, compassivo, y piedozo,  
 Y a sobervio, cruel, desapiidado  
 Y a catholico, fiel, ya Atheista,  
 Teniendo chimera solo de Estadista.

Nasce esta deformidade dos tempos da deformidade dos costumes; por em estas differenças de maximas, de que os Politicos de hoje, entre as muitas leys, que estabelecerao, e entre muitas maximas, que fundarao, poem por primeira, e principal, a de viverem, e a commodarem-se com a forma, e modo de viver de Carlos Molinéo, Joao Bodino, Philippe Plozio, Moroneo, Tiberio, Cezar, Nicoláo Machavello, Ullisses, e outros muitos, que sem zelo, nem medo algum, se atreverao aquebrantar a ley de Deos, e se arrojavao a negallo, sendo seu principal juramento em crer, que ha Deos em a observancia da Religiao, em a guarda da justica, ou pelo contrario em resolverem-se a qualquer feito sómente attenderem aos interesses da vida, e bem do estado; e por segunda em serem escravos do tempo, e nao senhores, simulando, e dissimulando em a occasiao, a comodando os costumes ao tempo, e nao o tempo aos costumes; e por terceira tendo por politico, e sabio documento, o servir ao tempo, para que todo o tempo lhe sirva, como cantou hum destes malvados politicos, e enganadores do mundo, Joao de Ovem:

vos atreveis contra o verdadeiro a mover-lhe guerra, e a querer-lhe tirar da maõ os instrumentos de sua justica, em senhorear-vos tambem do governo



GUERREIRO, ESCOLA MORAL, &c.

verno dos Ceos. Dizeis, que na conservação, e augmento do Imperio se ha-de fazer mais caõ da industria, e cuidado humano, que das inspiraçoens, e direcçoens Divinas; logo loucamente nos disse, e aconselhou aquelle Rey sapientissimo, ou andou nescia a sabedoria de Deos, quando, por bocca de Salamaõ *no cap. 8. dos Proverbios*, nos disse, que o contelho, justiça, prudencia, e fortaleza, sam possesçoens sómente suas, e que por suas ordens reinaõ os Reys, por suas influencias acertaõ os legisladores em suas leys, por sua disposiçaõ governaõ os Monarcas, e por suas demonstraçoens naõ se apartaõ os piedosos da justiça: *Meum est consilium, & æquitas; mea est prudentia, mea fortitudo, per me Reges regnant, & legum conditores justa decernunt.* Tambem feraõ futeis, e de pouco momento, aquelles oraculos, tomados da bocca de Deos, referidos *no cap. 10. do Eccles.* e *no cap. 2. dos Reys*; que dizem, que da maõ de Deos depende o poder, e senhorio da terra, e de sua vontade, e providencia procede o dar-lhe governador, que a governe com acerto, e utilidade de seus moradores; que os Sceptros, e os Reynos, deixaõ a os seus antigos possuidores, e se passaõ aos estranhos fugindo à injustiça dos peccados, enganos dos seus, que Deos, e naõ outro, he poderoso para dar riquezas, e tirallas, para derrubar a hum soberbo, dar a maõ, e levantar a hum cahido; que sabe ajudar com magnificencia a hum necessitado, e tirallo do seyo da miséria, e levantallo ao trono da Magestade.

Naõ he esta a Politica, que ditou a razaõ a nossos primeiros Pays, nem he esta a que nos ensinaõ as letras Divinas, e humanas, nem he esta a que tem abraçado a experiencia, nem he esta, a que conserva os Reynos, as Republicas, e os Imperios, mas a que os destróe, como testemunhaõ

tantos exemplos, quantos achamos a cada passo nas historias, de que verás alguns a diante na liçaõ da Religiaõ; mas a que tem por fundamento as virtudes, a que segue, e abraça os dictames Divinos; a que, à imitaçaõ da Politica do Céu, imita, e ordena o governo Politico em ordem ao bem publico.

He pois a verdadeira politica, de que tratamos, huma ordem virtuosa, que dispõem as cousas publicas de maneira, que vivendo os moradores dos povos virtuosamente, permaneçaõ na obediencia, e sujeiçaõ segundo *Aristoteles lib. 3. das Politicas: Politica est ordo quidam incolentium civitatem, in dominatione, & subjectione consistens*: he huma Arquitetura de todas as Artes Mecanicas, e das doutrinas Morais: *Politica est Architonica omnium artium Mechanicarum, & doctrinarum Moralium*; disse Alberto Magno: he huma commua razaõ da vida estabelecida entre muitos homens, e huma commua ordem, na qual, como em corpo bem composto, se espera felicidade em cada huma das partes, escreveu *Boecio no liv. 1. da Republica: Scimus Politicam nil aliud esse, quàm inter multos homines communem quandam vitæ rationem, & ordinem, in quo totius-tanquam corporis benè compositi, singularium partium felicitas expectatur.*

Esta he a verdadeira Politica, e o verdadeiro Politico he a quelle, que ajustando as direcçoens do governo Politico da terra aos dictames da Politica do Ceo, donde teve sua Origem a Politica humana, como disse hum douto: *Politicae societas Origenem trahit à Deo*, ordena, e dispõem as cousas por tal ordem, sem que a confuzaõ embarace o bom governo, sem que a ambiçaõ o distrúa, sem que a conveniência, ou interesse o disbarate, sem que o respeito o perturbe, logre a republica, o Reyno, e o Imperio  
geral



geral felicidade; unico alvo, a quem encaminha seus tiros a Prudencia Politica: *Finis verò rectæ Politicæ felicitas est, nam unicuique privatim, & publicè, & omnibus finis quidam est, quem conspicientes alia persequuntur, alia fugiunt.*

Naõ poderá conseguir este fim o Politico, a quem naõ pesar mais a conveniencia publica, que a particular; porque assim como naõ he de bom piloto o escapar mais de tempestade, que livrar a naõ do naufragio; assim naõ he de bom Politico adiantar mais seus particulares interesses, que os cõ-muns disse Cicero: *Ut contemnendus est, qui naufragando se magis, quam navem vult incolumen, ita vituperandus est, qui in reipublicæ discrimine suæ plus, quam communi saluti consulit*: convem, diz Plinio no livro 7. de suas cartas, antepôr as conveniencias publicas às particulares, assim como as Eternas às temporais: *Opòr-tet privatis utilitatibus publicas, mortalibus æternas anteferre*: maxima, que assenta por taõ principal. S. Joaõ Chrysostomo na homilia 79. que chega a dizer, que naõ ha cousa mais agradavel a Deos, que ordenar hum homem toda a vida ao proveito commum: *Nulla res Deo gratior est, quam ut universam vitam ad communem commodum conferas*; e na homilia 25. na primeira carta, que escreveo S. Paulo aos corinthios, diz, que esta he a regra da perfeita religião christãa, este o termo mais certo, e a maior altura buscar aquellas cousas, que comprehendão a utilidade commua: *hæc perfecta christiænæ religionis regula est, hic certissimus terminus, hoc summum cacumen quærere, quod communem omnium comprehendat utilitatem.*

As leys antepõem a faude de muitos à de hum só; o bom Politico, e sabio, como as leys, deve cuidar mais da utilidade commua, que do interesse proprio: *Vir bonus & sapiens plus utilitati omnium, quam unius ali-*

*cujus saluti consulit, disse Tulio, e no livro 1. dos officios diz: Ut leges omnium salutem singulorum saluti antepo-nunt, sic vir bonus, & sapiens, & legibus parens, & cujusvis officii non ignarus utilitati omnium plus, quam unius saluti consulit.* Que cousa he a republica, o Imperio, o Reyno mais que huma naõ, em que vivemos embarcados os habitantes delle, pois que homem haverà taõ fatuo, que, se vir que a naõ necessita de trabalho para chegar ao desejado porto, furte o corpo ao trabalho, as mãos ao remo, antepondo a commua conveniencia ao interesse do seu descanso, que naõ seja o primeiro, que arrojé ao mar os seus cabedais, se entender que para se salvar a naõ, necessita de descarregada? *Rempublicam (escreve Patricio no liv. 5.) quasi navem existimare debemus, quæ omnibus manibus, officioque indiget, ac pro virili quisque niti debet non modò ne evertatur, sed in portum tutissimum se recipiat; itaque cives omnes efficere debent, ut singulorum consilio, operâ, opibus, diligentia, & industria Rempublicam adjuvent, ut non servetur modò, sed indies feliciter augeatur.*

Que importa, que cada hum de nós seja feliz, se o Reyno vay caminhando à sua ruina; porque, destruida a posse destróe o mesmo feliz, e continuando ditosa, até o mal afortunado nella se conserva; *ego existimo melius agi cum civibus privatim, si tota civitas fortunata sit, quam si per singulos cives felix sit, publice verò labefactetur.* Parecer foi de Tito Livio, que quando o bem publico, está seguro, vive o particular izento de perigo: *Respublica incolumis rem privatam servat*; e pelo contrario, diz Quinto Cursio; quando o bem commum padece damno, qualquer particular experimenta a perda: *In communi calamitate suam quisque habet fortunam.*

Nem menos logrará felicidade a republica,



publica, Reyno, ou Imperio, em que não ouer cabeça, que o governe, mãos, que o defendaõ, pés que o firvaõ: he a Republica, Reyno, e Imperio hum corpo, cuja cabeça he o Rey, cujos braços he a nobreza, cujos pés são o povo, em o qual corpo deve fazer o officio: d'alma a razaõ, de Rey o entendimento, de beneficio, e castigo a memoria, de justiça a vontade, de ouvir a necessidade, de ver a religiaõ, e asleys, de gostar a abstinencia e temperança, de apalpar a prudencia, de lingua as obras, de barba a vergonha, de dentes o silencio, de beigos a verdade, de braços as letras, e armas, de grossura a riqueza, de proporçaõ a circunspeccãõ, de ornamento a nobreza, de pés o povo, de forças a fortaleza, de sangue o dinheiro, de nervos os soldados, de ossos o centõrio: *Respublica quod ammudo humano corpori similis videtur; utrumque enim est compositum, & constat ex multis partibus, quarum singule nec eandem vim habent, nec usus pares exhibent: Dioni-*

*Rex bonus, atque idem est fortis bellator in armis:*

*Qui recte facit, non qui dominatur, erit Rex.*

### L I Ç A M VIII.

#### *Da Prudencia Civil.*

**A** Prudencia Politica respeita ao bem publico, porque assim como o fim de cada individuo, como individuo, he o bem proprio; assim o fim do Principe, como Principe, he o bem publico. Tiberio, havendo succedido à Idéa dos Principes, fez esta protestaçaõ no Senado: Eu sempre disse, e hoje tambem declaro, que o bom Principe deve servir a todos em geral, e a cada hum em particular; verdade, que confessou sendo Principe, e olvidou, sendo tiranno: assim a Justiça como a Politica são virtudes relativas ao bem de outros, e por isso entre o Princi-

*pio Halic. lib. 6.*

He a Republica, Reyno, e Imperio huma familia grande, e como a familia para conservaçaõ necessita de Pay de familias, que a governe, de mulher para a geraçaõ, que aperpetue, de filhos, que a herdem, de parentes, que a ajudem, de amigos, que a defendaõ, de criados, que a firvaõ, de fazenda, que a conserve, de mandados, que se observem; assim necessita o Reyno, Imperio, e Republica de Rey que a governe, de Rainha que lhe dê filhos, de filhos que lhe succedaõ, de parentes que o defendaõ, de amigos que o guardem, de criados que o firvaõ, de tributos que o ajudem, de leys que o conservem.

Em dispôr bem, e ordenar estas cousas de maneira, que todas se conservem, acodindo cada hum ao seu officio com toda a consonancia de virtudes, consiste a verdadeira Politica, Prudencia, felicidade, e perpetuidade de huma Monarchia.

pe, e Tiranno ha só esta differença, que o Tiranno Reyna por sua utilidade, e o Principe Reyna por utilidade dos vassallos; e desta verdade fundamental deriva a Prudencia politica todas as regras de Reynar, porque todas se dirigem ao bem publico: he pois a primeira regra, que as leys sejaõ uteis ao publico, e bem observadas. As leys são hum vinculo das Republicas; porque átaõ todos os povos em hum corpo só; pelo que tantas Republicas ha diferentes, quantas leys ha diferentes: toda a ley he naturalmente odiosa pela prizaõ da obediencia, e todo o Principado naturalmête molesto pelo poder de mandar; a utilidade do povo tira, o que ha de odioso em a ley, e de molesto em o Principado, porque cada hum jul-



julga feliz a precisaõ, e suave o Imperio, quando este redundã em proveito do que obedece, e não do que manda.

Duas utilidades resultaõ aos povos da ley; seguridade de bens, e bondade de costumes: todos amaõ seus bens, e amaõ a quem lhos conserva; e por isso os povos, ainda que livres, sujeitã suas vontades aos mais poderosos; para que com a força os defendessem da força: mas de pouco proveito servia ao defendido estar seguro dos offensores, se o não estivesse do deffensor; e com tudo he certo, que sem a substancia dos povos, não podem subsistir os Principados; como nem o Oceãno sem aguas dos rios, que elle conserva: quem diz subdito, diz tributo, e tudo naturalmente doe, como cortar carne viva de hum corpo humano; mas assim como o enfermo gosta com a sua dor, quando aquelle pouco, que se corta, conserva o corpo; assim o tributo forçoso se faz voluntario, quando se vê empregado em publico beneficio de paz, ou de guerra. O modo suave de o tirar o faz tambem suave. Pericles, quando queria tirar dos Athenienses alguma nova contribuiçaõ, os alegrava antes com publicos banquetes, e festas magnificas, e com o calor das alegrias fazia sua proposta à maneira do barbeiro destro, que estendendo com suavidade a mão pelo braço o fere com a lanceta, e lhe tira o sangue.

A outra utilidade das leys he fazer os povos virtuosos; porque a virtude lhes abrandã os animos, e os faz obsequiosos a seu Senhor, e principalmente inclinados à Religiaõ, principio, e fim de todas as virtudes; e por isso todos os legisladores comecaõ por ella em o direito civil. Dos Romanos refere Tullio, que as armas, com que conquistaraõ, e venceraõ o mundo não foraõ outras, se não a Religiaõ, e Piedade: *Orbem non ob*

*aliam causam Romanorum imperio cessisse, quam quia Religionem colerem.* Del Rey Fernando, o Catholico, se escreve, que dizia, que estava firmemente persuadido, que a Religiaõ Catholica era o fundamento, não só de seus Reynos, e estados, se não de todos os Reynos, e Imperios do mundo; e que aquelles lhe seriaõ mais aceitos, que mais se esmerassem em sua defeza, e augmento. Em a ley Divina he o primeiro preceito o Culto Divino; em a ley dos Gregos a primeira ley manda o Culto Divino; em a ley de Rómulo são as primeiras palavras: *adoray aos Deoses*: donde inferio Polibio, o mayor politico dos Gentios, que o Imperio Romano foi o mais poderoso de todos, porque os Romanos foraõ os mais religiosos de todos: tanto aproveitou aquella imperfeita luz de piedade no gentilismo de trevas cheyo, para que aprendessem aquelles, que fossem mais alumados de Deos: o subdito, que ama a Deos, ama ao Principe; porque assim como o reynar he huma obra Divina communicada a hum mortal, como lhe chama Seneca, e ao Principe, Vigario de Deos, e Plataõ, Deos humano, conseguintemente, quem despreza a Deos, despreza ao Principe; porque, quem não teme os rayos, que são Sceptros do Rey dos Céos, muito menos temerã os Sceptros, que são rayos do Rey da terra, e sem duvida alguma, o que he réo da Magestade Divina, se fará réo da Magestade humana.

Politicos ha, que aconselhaõ, que façaõ materias de estado da Religiaõ os Principes; esta he pestilente doutrina, abominavel, e cega: não ha castello, nem muralha, que mais medo ponha aos inimigos, que a Justiça, e Religiaõ, levantadas a mayor alteza. Zomba São Leão dos Romanos, porque admittiaõ as Religioens das Provincias; que conquistavaõ, com que a Cidade senhora do mundo



do se veyo a fazer escrava dos erros delle. A gentildade só entra com olhos vendados em a Religião, cegueira, que não pôde caber, senão em quem adora Deoses de pedra; diz S. Maximo; bem, que alguns como Tiberio, e Adriano prohibiraõ as Religioens estrangeiras com desejo de conservar a propria; porém, os que com o claro lume da Fé, poderaõ desterrar a cegueira destes enganõs, bem entenderaõ, que a Piedade, e Religião saõ os fundamentos mais solidos, sobre os quais o Principe Christaõ deve fundar o seu Imperio, e esperar o augmento delle: assim o entendeu S. Cyrillo, que escrevendo ao Imperador Theodosio, lhe diz, que a piedade para com Deos he o fundamento para seus reais augmentos, e que os Principes pios, e Religiosos, vencem sem trabalho, e prevalecem contra seus amigos: *Gloriosam in Deum pietatem regis honoribus fundamentum esse, & Principes, pietatis cultores, sine labore vincere, & adversariis prevalere.*

Fatal ruina ameaça Deos pelo seu propheta Isaias no capit. 16. aos Principes, e aos Reynos, em que faltar o culto da Religião, *gens, & regnum, quod non servaverit tibi, peribit*: sentença, que vimos executada em os Néros, Domiciãos, Heliogábalos, Maximinos, Diocleciãos, Licinios, Juliãos, dos quaes a huns lhe quebráraõ as cabeças, a outros arrastra-raõ por lugares immundos, huns renderaõ as vidas às mãos de suas proprias cascas, outros lhas tiráraõ seus proprios soldados, huns foraõ feridos de rayos, outros pagáraõ seus peccados com ignominiosa escravidão, e todos (paraquẽ o digamos de huma vez) percerãõ às mãos de Deos, que castiga com severidade, os que se daõ por seus inimigos, e de sua Religião. Fez-se Valente Imperador da feita dos Arianos, deu de mão à verdadeira Religião, e pagou-o, com perder a vi-

da, e o Reyno; fez-se Anastacio do bando dos Acéphalos, e não quiz reconhecer seu peccado, ainda quando o castigava Deos. Os Búlgaros, e Sarracenos destruireãõ, e arruinaraõ seu Imperio, e hum rayo tomou a devida vingança. Heraclio, e Constance, se fizeraõ a parte com os Monotalistas, e entre ambos foraõ mortos desgraçadamente, havendo-se apoderado gente barbara, de não pequena parte de seu Imperio. Negoti Justiniano o moço as leys, e immunidades das Igrejas, e logo vio visivelmente as calamidades, que lhe acarretava sua dezaatenção com a perda dos seus, sendo privado do Imperio, e depois de lhe serem cortados os narizes, desterrado de sua Patria, e privado da vida. Felipe Bordonos, Leaõ Izauco, Constantino, Leaõ, Armeno, Theophilo, e outros Imperadores intentaraõ destruir a Religião, e todos foraõ destruidos, e cada hum delles pagou com severas penas a impiedade, que havia tido em querer destruilla. Fize-raõ-se furdos os Judéos às vozes, que lhe dava Christo Nosso Senhor, e davaõ por razão de seu dezaforo, que senão acabavaõ com elle, viriaõ os Romanos, e lhe tirariaõ o Reyno; bem se vio entãõ, e hoje vêm com seus olhos o effeito, que lhes acarretou sua dannada tenção, andando desterrados, fugidos, e aborrecidos, porque embebidos com o temporal, não tiveraõ providencia do Eterno, e assim perderaõ hum, e outro, que isto he o que succede, aos que olhaõ só às temporalidades da vida, sem cuidarem das espiritalidades da alma, como diz Santo Agostinho tratado 49. in Joanem. Gustavo Adolfo tiranno de Suecia em tempo de Ferdinando segundo se enfureceo de maneira contra a Religião catholica, que pertendeo arruinalla, depois de talar os campos, e arruinar muitas Cidades, veyo a morrer em huma campal batalha, em que elle, e todos os seus foraõ dego-

lados



lados pelos soldados do Imperador Ferdinando. Valenciano, o moço, enganado de sua mãy Justina, favoreceu aos Arrianos, e logo Maximo; ainda que tiranno catholico; lhe foy em o alcance, e fugindo delle; se retirou a Milão, sabendo Theodozio o velho, o que succedia, escreveu a Valeriano; dizendo; que não se maravilhave, de que o Imperador se houvesse sujeitado ao medo, e o tiranno houvesse recebido fortaleza, porque o Imperador havia pelejado contra a piedade, e religião catholica; e o tiranno a havia defendido; nem era de espantar, que o Tiranno venceffe, vestindo-se das armas da piedade, e o Imperador legitimo ouvesse fugido; estando despido dellas. João, porque idolatrou, foi vencido, e morto pelos Philistéos: Ochozias, seu filho, pela mesma causa teve a mesma ruina.

O espirito primeiro, que infundiraõ em suas leys os que as fundaraõ, foi a Religião, porque he; o que une os animos mais; que a necessidade: assim se verá em as de Plataõ, Solon, Licurgo, Numa. Simular o Principe religião, só póde caber em a pestilencial politica de Machavéllo: em as materias, que tocaõ a fé, temos por obrigação de Direito Divino: e em contrario, nem a menor palavra se hade dar a entender, ainda que por isso se perca a vida, como fez Eleázaro, provando sua fé como ouro no crisol, e ainda que se percaõ os Reynos, pois não se quiz render Felipe II. a apaziguar as sedicoens dos Paizes Baixos, por não conceder liberdade de consciencia; e póde manter com ella inteiros aquelles dominios sem o excessivo gasto de seus thezouros, que disse Philippe III. que desde o principio até o anno de 616. importava cento, e sesenta milhoens de ouro. A opressão que padeceo Hespanha às mãos dos Africanos em tantos seculos nasceo de haverem-se apartado da Religião os Hespanhóes: assim o

profetizou Santo Izidoro. A mais Principes ha tirado o Sceptro a opiniaõ diversa das Religioens, do que as armas: aquietou-se Hespanha; quando depós os erros de Arriõ, e com a tragica morte del Rey Uveterico, que quiz tornar a introduzillos.

A simulaçaõ em materias de fé he contraria a verdade do Evangelho: assim o provou S. Paulo na reprehensaõ, que deu a S. Pedro: se a religião olha a Deos, e se faz razaõ de estado da religião, se hade fazer razaõ de estado de olhar a Deos; que horrivel doutrina! oh que abominavel dictame! se hade reduzir a razaõ de estado a Divina, e Altissima Providencia de Deos! que a alma he immortal, que hade resuscitar a carne, que ha morte, que tudo acaba, que ha outra vida com castigo, e com premio! com que vai destruido todo o Evangelho. Os misterios de fé se crem por authoridade de Deos, e não pela razaõ do homem; e assim dizia Pio II. que qualquer ley ou Seita, que tem só força em authoridade humana; não se funda em razaõ; com quanta mais se deve dizer da ley christan, que tem seu fundamento em authoridade Divina: e S. Bernardo afirma, que a razaõ nos ensina a crer, o que a força do discurso não póde alcançar; e Santo Thomas escreve, q supposto se percaõ da vista as verdades reveladas, nem por isso se crêm às cegas, senaõ com grande fundamento: este está em os martyrios, em o consentimento commum, em a consonancia dos testemunhos, e constancia da doutrina, de quem dizia o mesmo Pio segundo, que ainda que não estivera confirmada com tantos milagres, bastava só sua honestidade, para que merecesse ser recebida em todo o mundo, e acrescentava, que para se crer na Santissima Trindade, senaõ devia olhar às razoes com que se provava, senaõ a quem diz, que Deos he Trino e Uno, que he a Igreja, e Christo; assim o



entoou a temperada cythara de Joaõ de Wem nos seguintes versos:

*Nos raius docet, esse Deum, cogitque fateri:*

*Hac ratione fides est rationis opus.*

*In dictis hominum, non quis, considero, sed quid?*

*Contrà, in Divinis, non rogo quid, rogo quis?*

Dizer que se poderá fazer razão de estado da religião olhado para os augmentos temporais do reyno, he mayor perigo, porq se perderá a Deos, e ao Reyno: o poder dos Reys em a religião consiste, e se entenderem os vassallos, que o Rey fará justiça, vivirão enfreados com justo medo de dezagradar a Deos crendo, que o teraõ favoravel mediante a Religião, e sendo o Principe constante nella, procurará o povo inviolavelmente guardalla, o q fará ao Principe mais amado dos vassallos pelo amor, q a Religião gera, e por isso mais poderoso, porque o poder do Principe consiste no amor dos vassallos; se se reduz a rezaõ de estado o consentir a liberdade de consciencia, a tragico fim o condemna a desgraça de Henrique III. de França a que o reduzio ler em Machavello: tolerou herezias, divizaõ de Seitas com que molestado de guerras civis pezadamente morrêo às mãos de hum sacerdote. Todos os Reys de Israel, que consentirão dividir a Religião, perderão seus Reynos. Jozias, que a conservou, gozou de abundancia, e paz em seu Reyno; pelo que dizia Pio II. que os amigos de Deos gozavaõ as felicidades deste mundo, e do outro os bens eternos.

A paz temporal, eo bem do Principe não se pode conseguir, se o povo não vive ajustado; a relevaçãõ he origem de disconcertos; dando rédea aos deleites se introduzem mil confuzoens, e para atalhalas he o rigor da religião o melhor freyo, esta obriga a apartar-se do mal, e abraçar-se o bem como ensina o Espirito Santo em todo o capitulo 28. do Deuteronomio: o thezouro mais precioso, que o Principe pode aportar ao seu Reyno, he a piedade em o q toca à religião. Todas as riquezas sem a Religião são esco-

ria, o ouro arêa, e a prata lodo. Não ha fé mais, que a de Jesus Christo Senhor nosso, q professa a Igreja Romana, nem mais que huma religião, que com verdade faz o que o Senhor manda: o concerto das Republicas Christãs desta só depende, dada pelo mesmo Deos para remedio do mundo. Discorrêo nisto o Phenis de Africa, para convencer os erros, que seguem, os que seguem o contrario dizendo: a esta linhagem de gente, não lhe dá cuidado, que a Republica se estrague com vicios, sómente pertende que esteja em pé; lizongêaõ aos povos, não aos que aconselhaõ seu bem, senão, aos que procuraõ seu gosto. Não cuidaõ os Principes, em ter bons vassallos, senão que lhes estejaõ bem rendidos com obediencia cega: castigaõ as leys o damno, que se fez na vinha alheya, e não o que se fez na alma: sobre casas de juntas deshonestas levantem-se soberbos edificios, e banquetes custosos, nade-se em vinho, sõem cantares deshonestos em os theatros, succedaõ nelles já divirtimêtos torpes, já crueis, mas que homem de juizo não comparará esta Republica, não digo eu à de Roma, senão à de Sardanápalo, ainda que não houvéra outra vida, a onde havemos dar conta da nossa, nem houvéra Deos, que no la hade pedir muy estreita; para que as Republicas não cheguem a ser, como a de Sardanápalo, haõ de ter os Principes muito cuidado, de que os costumes se reformem, e que esteja em pé a Religião.

Entre todos os Principes do mundo nenhuns houve taõ zelosos na materia de Religião como os Principes Portuguezes, que por zelo, e augmento da fé passaraõ a conquistar no-



vos mundos, depois de haverem plantado a Fé nestes Reynos, expulsando primeiro delles aos Mahometanos; que outros nenhuns Reys de Hespanha a levarão a Africa, e della passaraõ às Indias Orientais, e a toda a Asia, e desta ao novo mundo da America, naõ havendo parte no mundo, aonde os Reys de Portugal naõ estabalecessẽm a Fé, para que fosse levado o nome do Senhor do Oriente ao Poente, segundo diz *David psalmo 112.* e por isso com justo fundamento esperamos, que os nossos Serenissimos Reys sejaõ senhores universais do mundo, como prometeo Christo Senhor nosso ao primeiro Rey de Portugal. Trabalhem os Principes Portuguezes em estender, e dilatar o imperio de Christo, que o mesmo senhor terá cuidado de lhe conservar, dilatar, e augmentar o seu: tenhaõ muito particular cuidado de favorecer, e amparar o tribunal da Fé porque o senhor o terá muito particular de os defender, e conservar, porque além dos bens Espirituais conseguirá o ter o seu Reyno em paz politica, que entendo mui bem o Imperador Carlos V. que a deixou recomendada a seu filho Philippe segundo, o qual costumava dizer, que devia a paz do seu Reyno a quatro clerigos.

Entre o temor de Deos, e amor dos homens anda segura a Magestade, e Coroa: tema a Deos hum Rey, ame aos homens, e será amado de Deos, e dos homens; dê a Deos seu coração, e Deos lhe dará o seu, e o de todos, e se o Rey for amavel, naõ temerá a nenhum. A ninguem ha mister hum Principe mais, do que a Deos, ninguem ha mister mais a Deos, que o Principe; seu primeiro cuidado seja de servillo, e que seja servido, mandará bem aos homens, se naõ obedecer mal a Deos, naõ poderá ser bom Rey das gentes se for máo subdito de Deos; cuide das couças Divinas, e Deos olhará pelas humanas.

A fé, a religião he permanencia, e firmeza dos Imperios; ao passo que ella cresce, se augmentaõ, e ao passo que se diminue, desmayaõ: deve o Principe a fé a obediencia de seus vassallos, e deve a fé ao Principe o apoio de seus misterios, e assim o sujeito mais legitimo da fé he a nobreza do Principe, e a defensa mais segura do Principe he a verdade da fé: donde esta floresce ha Politica sagrada, e donde falta, falta o bom governo Politico: porque naõ muda a ordem das causas, fazendo meyo a Religião; e fim o Imperio, antes toma por meyo as forças do Imperio, para estabelecer o culto da Religião. Dilatar a Religião entre infieis he grande conveniencia do Principe, pois grangêa mais com a fé, que com a conquista: as armas sujeitaõ os jugos dos contrarios, e a Religião convence o entendimento, e grangêa a vontade dos rendidos; e assim vem a ser a sujeição gostosa, e materia de amor o vencimento, achando-se obrigados a dar graças à providencia Divina, que, por meyo das armas de huma conquista os trouxe aos resplandores da verdade.

## L I Ç A M IX.

*Sobre a Prudencia Econõmica.*

**H**E a familia hum Reyno pequeno, e por isso dizia o sabio Chilon, que quem naõ sabia governar á sua familia, muito menos saberia governar hũ Reyno; porque entre a familia, e o Reyno ha huma só differença, que ha entre grande, e pequeno, sendo o Reyno huma grande familia, e a familia hũ pequeno Reyno: donde vem a dizer-se, que aquelles são bons Imperadores, que bem executaõ as obrigaçoens de hum Pay de familias: *Boni Imperatores sunt, qui boni patres familiae sunt*; porque tem muita similhança com o Reyno a familia, nella corresponde o Pay ao Prin-



Príncipe, a mulher à Princeza, os filhos aos nobres, os criados à plebe, a casa ao palacio, as rendas aos tributos, os parentes às fianças, os mandatos às Leys, a authoridade à Magestade, os alimentos à beneficencia distributiva, as correccoens à justiça distributiva; e assim como o fim da Prudencia Politica he a felicidade publica, assim taõbem o fim da Econõmica he a felicidade da familia: aquelle Pay será melhor Econõmico, que conhecer melhor estas proporçoens, e melhor souber applicar as regras da Politica à Econõmica, tomãdo as proporçoens do grande a pequeno, e o que olhar directamente ao seu fim, porque se attender ao bem da familia, será hum Rey pequeno, e se só aos seus desejos, será hũ grande tyranno para ruyna da familia, e de si proprio; he taõbem hum pay de familia legislador: mais verdadeira ley he o exemplo de seus costumes: as palavras são leys valentes, os costumes são leys fixas, cuja observancia consiste na imitacão, e a imitacão não póde ser boa, se o exemplar for máo. Ao Príncipe convem a Magestade; ao Pay de familias a gravidade, a qual, sendo huma mescla da virtude séria, e de severidade virtuosa, gera em os domesticos hum temor reverente, e huma tímida reverencia muito differente do temor servil; porque o servil teme ser offendido, o reverencial teme offender.

Para a conservacão de huma familia necessita o Pay della de cinco cousas; a saber, mulher, filhos, amigos, criados, e fazenda; e para que o prudente Pay de familias saiba governar prudentemente a sua familia, e conservala, he necessario em todas ellas summa attencão, e summa prudencia; porque não usando della em cada huma dellas, não poderá conseguir a felicidade da familia, alvo, a que deve dirigir todas suas acçoens: e para que melhor possamos instruir o Pay de familias em cada huma destas bazes em que se funda o bom

governo de huma familia, trataremos de cada huma de per si; e comecemos pela mais principal.

## L I Ç Ã M X.

*Sobre a eleiçãõ da mulher, com que se deve casar.*

**H**E o matrimonio huma legitima sociedade entre o homem, e mulher, em a qual se entrega hum a outro por consentimento igual: he huma conjunçãõ marital de homem, e mulher, contrahida entre pessoas legitimas, que retêm huma vida individual, ou indivisivel. Muito pulso he necessario, para entrar em ponto taõ importante: muita consideracão he precisa para se entregar a hũ captiveiro taõ irremediavel, porque não ha liberdade mais servil, que aquella, em que duas pessoas livres se entregãõ huma a outra, e ambas rendem o pescoço a hum jugo, que voluntariamente se busca, e forçosamente se levã, fazendo-se de huma vontade momentânea, huma necessidade perpetua. Cõpara o Direito os que casãõ, aos que jogaõ, ou navegaõ; por que, assim como estes se entregãõ ao duvidoso acontecimento da sorte, que lhe sahirã na carta, ou na incerta esperança do mar, e sua inconstancia; assim estes se sujeitãõ à variedade da fortuna, que lhe succeder: já dando-lhe huma mulher adornada de bons costumes, branda nas palavras, grave, e modesta no andar fóra, amante da honra de seu marido, cuidadosa na criaçãõ dos filhos; que governe as cousas de casa prudente, e parcamente; que tenha as criadas muy bem doutrinadas, e as faça trabalhar, e aproveitar os bens, e sobre tudo virtuosas: já dando-lhe huma mulher de máos costumes, des-honesta, negligente, e esquecida do governo da familia; libidinosa, inimiga de seu credito, soberba, prodiga, sumptuosa, varia, e inconstante;